

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE MEDICINA, PSICOLOGIA E TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE PSICOLOGIA**



Trabalho de Conclusão de Curso

**A EXPERIÊNCIA DE ESCUTAR VOZES E SUA INSERÇÃO EM UM CONTEXTO
RELIGIOSO: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA**

Mariana Souza de Oliveira

Pelotas, 2019

Mariana Souza de Oliveira

**A EXPERIÊNCIA DE ESCUTAR VOZES E SUA INSERÇÃO EM UM CONTEXTO
RELIGIOSO: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof(a). Dr(a). Giovana Fagundes Luczinski

Pelotas, 2019

Mariana Souza de Oliveira

**A EXPERIÊNCIA DE ESCUTAR VOZES E SUA INSERÇÃO EM UM CONTEXTO
RELIGIOSO: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de bacharel em Psicologia, Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 08 de julho de 2019.

Banca Examinadora:

.....
Prof^a. Dra. Giovana Fagundes Luczinski (orientadora)
Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

.....
Prof^a. Dra. Károl Veiga Cabral
Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof^a. Dra. Miriam Cristiane Alves
Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

À potência divina que vibra de forma incessante em tudo e em todos, e que eu chamo Deus.

Aos meus pais, Cristina e Evandro, pelo amor incondicional e por terem me proporcionado esta oportunidade de existência repleta de afeto, cuidado, compreensão. Por sempre me incentivarem aos estudos e se dedicarem a me oferecer uma educação de qualidade que me possibilitou chegar até aqui.

À minha irmã Bárbara, que me ensinou a escrever as primeiras palavras e à minha irmã Virgínia que dedicou horas de sua adolescência para me acompanhar, ainda criança, em minhas brincadeiras. Assim como pelas palavras de apoio proferidas ao longo da vida.

À Giovana, pela orientação precisa, gentil e afetuosa, na pesquisa, bem como na clínica. Por me apresentar este universo chamado fenomenologia e por tornar este trabalho possível. Por me transmitir tranquilidade e segurança em todas as horas. À minha terapeuta Isane, pela conduta profissional e por semear algumas das dúvidas iniciais desta pesquisa.

Aos colaboradores deste trabalho, por possibilitarem a realização desta pesquisa, pelos relatos de vida concedidos e por compartilharem suas experiências comigo de forma tão genuína. Assim como a Luana, pelas duas transcrições realizadas e incontáveis palavras de incentivo.

Aos amigos do Centro Espírita Paz, Luz e Caridade, assim como da Associação Médico Espírita, em especial o Departamento Acadêmico, local e nacional. Por toda motivação e abraços carinhosos nos momentos de desânimo, por serem como uma família, em especial Cássia e Clóvis pelo acolhimento em Pelotas.

Aos mestres e colegas da Universidade Federal de Pelotas que tanto colaboraram e enriqueceram esta caminhada. Em especial Letícia, Milene, Sylvia e Lívia pela amizade construída.

A todos amigos e familiares que foram compreensivos com minhas ausências e esquecimentos durante a trajetória acadêmica.

E finalmente a minha singela gratidão ao meu companheiro, amigo e marido Ramon. Por dividir esta existência comigo, sempre acreditar em meu potencial, por sua paciência, dedicação e amor em todos os momentos.

*(...) o que é incompreensível não precisa necessariamente ser
inacreditável. (Viktor Frankl)*

Resumo

OLIVEIRA, M. S. **A experiência de escutar vozes e sua inserção em um contexto religioso: uma abordagem fenomenológica.** 2019. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) – Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Ouvir vozes pode ser visto como um típico sintoma psiquiátrico, denominado alucinação auditiva, entretanto dependendo do contexto cultural, época e vertente religiosa, diferentes significados podem ser atribuídos a escuta de vozes. Este trabalho teve como objetivo, compreender a experiência de pessoas que escutam vozes estando inseridas em um contexto religioso. A fim de atingir este objetivo, foi realizada uma pesquisa exploratória, a partir da abordagem fenomenológica, com pessoas que escutam vozes e que se declararam adeptas de uma crença religiosa que legitima este fenômeno. As entrevistas de caráter aberto foram conduzidas a partir de uma pergunta disparadora: "Como é a sua experiência de escutar vozes, sabendo que outras pessoas não as escutam, no seu cotidiano?" A análise das entrevistas foi realizada através de um mergulho vivencial no material transcrito, alternado com o distanciamento reflexivo necessário para o levantamento de unidades de significado. As unidades de significado foram identificadas pelo olhar do pesquisador e posteriormente agrupadas em constelações. Este trabalho possibilitou uma aproximação da experiência das pessoas entrevistadas, as quais encontraram, através da vivência da religiosidade, um caminho para ressignificar a escuta de vozes. Os resultados dessa pesquisa evidenciam que é preciso entender a escuta de vozes como uma experiência humana, para além do aspecto psicopatológico, se apresentando como um fenômeno diverso e único para cada pessoa que o vivencia.

Palavras-chave: Fenomenologia; Religiosidade; Ouvidores de Vozes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 CAMINHO METODOLÓGICO.....	11
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	
Contextualização das entrevistas	14
Capítulo I – Ouvir vozes: para além do aspecto psicopatológico	20
Capítulo II – Vivência da religiosidade: uma experiência	32
Capítulo III – Caminhos para ressignificar a escuta de vozes.....	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
7 REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE.....	55

1. INTRODUÇÃO

Existe um limiar tênue entre sanidade e loucura. A obra “A Louca e o Santo” (CLÉMENT; KAKAR, 1997) aborda essa questão, mostrando como o que é considerado loucura, pode ser visto como característica de santidade, dependendo do contexto cultural em que se encontra. A citada narrativa nos apresenta duas personalidades emblemáticas, Ramakrishna e Madeleine, que viveram na mesma época e apresentavam os mesmos comportamentos: experimentavam com frequência estados alterados de consciência, associados a desmaios e estados de êxtase (nos quais manifestavam contraturas musculares, catatonia, olhar fixo, risos imotivados e interrupções da respiração). Ambos viviam experiências místicas acompanhadas de visões, de modo que eram considerados excêntricos desde a infância. Entretanto, algo fez com que suas vivências fossem avaliadas de formas completamente distintas: a cultura. Ramakrishna viveu na Índia, entre os anos de 1836 e 1886, e desfrutou regalias de majestade por ser considerado santo; Madeleine, entretanto, não gozou da mesma sorte, em 1896 foi internada pela primeira vez em um sanatório na França e lá viveu boa parte de seus anos, pois fora considerada louca.

Assim como as duas personagens apresentadas acima, John Nash, renomado matemático, também escutava vozes (NASAR, 1998). Nash já era reconhecido pela sua capacidade intelectual quando começou a escutá-las. Em 1960, após ser diagnosticado com esquizofrenia paranóide e depressão, viveu uma década marcada por sucessivas internações psiquiátricas e tratamentos como eletroconvulsoterapia e uso de antipsicóticos. Mas em 1970, Nash optou por parar de tomar os medicamentos e não mais passou por internações psiquiátricas, passando a conviver com as vozes.

John Nash pôde transitar entre os polos de Madeleine e de Ramakrishna, entre a infâmia e a glória, entre o desemprego em decorrência do diagnóstico psiquiátrico e o prêmio Nobel de Ciências Econômicas. O contexto cultural de Nash, assim como o de Madeleine, não favorecia a atribuição de sentidos às vozes que ele ouvia. Ambos viveram na sociedade ocidental, que nos séculos XIX e XX foi marcada pela valorização do pensamento cartesiano e pelo desenvolvimento da ciência racionalista. Assim, tudo aquilo que não pudesse ser explicado de forma objetiva e racional era considerado de caráter místico, e conseqüentemente rechaçado. Mesmo assim, de algum modo Nash ressignificou sua experiência e possivelmente desenvolveu estratégias para lidar com

as vozes que habitavam sua mente. Que tipo de estratégias poderiam estar envolvidas nesse processo?

Na cultura ocidental, ouvir vozes pode ser considerado uma manifestação patológica, mas também pode ser visto como uma forma de expressão da subjetividade humana. Fazer parte de um grupo que não estigmatize e que aceite o fenômeno de ouvir vozes pode contribuir para a noção de pertença do indivíduo, ampliar sua rede de apoio e, conseqüentemente, favorecer sua saúde mental (ANTONACCI; MINELLI, 2018; BARROS et al., 2018; KANTORSKI et al., 2017). Este grupo pode, ou não, estar inserido em um contexto religioso. No Brasil, podemos citar o movimento de "ouvidores de vozes"¹ e algumas vertentes religiosas como espíritas kardecistas, católicos carismáticos, protestantes pentecostais e religiões afro-brasileiras, que acolhem pessoas que escutam vozes, além de fornecem espaço de fala e compartilhamento dessas experiências.

Aspectos pessoais influenciaram neste e em outros questionamentos que aparecerão ao longo do texto. Há cerca de uma década, ser adepta de uma religião que considera a escuta de vozes como algo natural me fez olhar para estes fenômenos, desde o início da graduação, não apenas com o viés psicopatológico. Além disso, ao longo da trajetória acadêmica, durante os estágios, leituras e demais vivências, pude me deparar com a fragilidade do diagnóstico em saúde mental. Não se trata de desconsiderar a importância que o diagnóstico pode vir a ter, mas constatar como é imprescindível pensar para além da classificação e da nomenclatura patológica.

A temática religiosidade, assim como espiritualidade, vem se tornado um tema emergente no debate em saúde, em especial no âmbito da saúde mental, mas ainda é restrita a abordagem desta temática durante a formação acadêmica. Um movimento nacional de Ligas Acadêmicas de Saúde e Espiritualidade têm contribuído para fomentar este debate nas academias de ensino superior, e a Universidade Federal de Pelotas recentemente passou a contar com uma Liga Acadêmica de Saúde, Espiritualidade e Humanização.

A promoção de eventos acadêmicos sobre este tema tem atraído um número cada vez maior de interessados. Em novembro de 2018 tive a oportunidade de participar da organização da 1ª Jornada Acadêmica de Saúde e Espiritualidade de Pelotas durante a qual profissionais da saúde dialogaram com um público de cerca de 100 pessoas sobre essa temática.

¹Página dos ouvidores de vozes - Brasil, no Facebook: <https://www.facebook.com/intervoicebrasil/>

Outros eventos acadêmicos de maiores proporções também têm incentivado o diálogo e a pesquisa sobre saúde e espiritualidade. É o exemplo do Congresso Internacional de Saúde e Espiritualidade do Nupes, promovido pelo Núcleo de Pesquisa em Saúde e Espiritualidade da Universidade Federal de Juiz de Fora (Nupes-UFJF), evento anual que se encaminha para a terceira edição em 2020. O crescimento destes eventos, nos permite dizer que cada vez mais profissionais e acadêmicos da área da saúde se interessam e buscam conhecer este assunto.

O estudo do comportamento religioso, à luz da Psicologia científica, vem sendo fomentado no Brasil pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) desde a década de 90, mais precisamente 1997, a partir da constituição do Grupo de Trabalho Psicologia e Religião, inicialmente coordenado por Geraldo José de Paiva, da Universidade de São Paulo. Desde a constituição do Grupo, a experiência religiosa foi eleita como objeto de estudo e como forma de promover o debate e a divulgação de pesquisas sobre a temática. Seus membros realizam a cada dois anos o “Seminário Internacional de Psicologia e Senso Religioso”, que no ano de 2019 contará com a sua décima segunda edição (PAIVA, 2000; CFP, 2019).

Dentre os inúmeros temas que os eventos e grupos citados abordam, encontramos a escuta de vozes. É curioso notar que, dependendo do contexto cultural, época e vertente religiosa, diferentes significados podem ser atribuídos a este fenômeno (GOULART, 2018). E embora a Associação Americana de Psiquiatria (APA) alegue que ouvir vozes pode ser um típico sintoma psiquiátrico denominado alucinação auditiva, esta mesma Associação já reconhece que, em determinados contextos culturais, “alucinações podem ser elemento normal de experiências religiosas” (p.88, APA, 2014), conforme consta na quinta edição do manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, DSM-V (APA, 2014).

De acordo com Alminhana e colaboradores (2013), diversos grupos religiosos, como espíritas kardecistas, católicos carismáticos, protestantes pentecostais e religiões afro-brasileiras, fomentam e valorizam experiências como a escuta de vozes, entre outras experiências que podem ser chamadas de anômalas (CARDEÑA et al., 2013), as quais serão abordadas de forma mais ampla no primeiro capítulo deste trabalho.

Deste modo, se justifica o desenvolvimento de trabalhos que utilizem uma metodologia voltada para compreensão do significado destas vivências, como é o caso da abordagem fenomenológica, perspectiva escolhida para este trabalho. Esta abordagem valoriza o sentido da experiência vivida e preza pela compreensão da

singularidade do sujeito. Também por estas características, a fenomenologia tem viabilizado um diálogo entre o campo da espiritualidade e da religiosidade com a psicopatologia, caminho que iremos percorrer (ANCONA-LOPEZ, 1999; MASSIMI; MAHFOUD, 1999; AMATUZZI, 2000; ZANGARI, 2003; VALLE, 2005)

A partir do exposto, podemos enunciar o seguinte questionamento: como a inserção do sujeito em um contexto religioso que legitime a escuta de vozes pode vir a contribuir para a ressignificação desta experiência? Assim, de modo a nos aproximar destes fenômenos, este trabalho teve como objetivo compreender a experiência de pessoas que escutam vozes estando inseridas em um contexto religioso. Para tal, foram realizadas entrevistas abertas com pessoas que escutam vozes e que se declaram adeptas de uma crença religiosa que legitime tal fenômeno. E a partir das unidades de significado identificadas na análise das entrevistas, este trabalho foi dividido e organizado em três capítulos, abarcando as constelações de sentidos e vivências relatadas.

2. CAMINHO METODOLÓGICO

A fim de conhecer os sentidos atribuídos à experiência de escutar vozes, foi realizada uma pesquisa a partir da abordagem fenomenológica. A Fenomenologia foi criada por Edmund Husserl [1859-1938] e o método derivado dessa corrente filosófica tem sido utilizado em diversas pesquisas em ciências humanas. Ele é considerado adequado para pesquisar a vivência pois possibilita ao pesquisador se aproximar da experiência vivida, isto é, captar o sentido que uma situação tem para a pessoa que a vivenciou, e não o significado que o pesquisador poderia vir a atribuir (FORGHIERI, 2002). Podemos dizer que a pesquisa fenomenológica se ocupa do fenômeno tal como foi experienciado e é descrito pelo sujeito. Compreende-se como fenômeno tudo que possa ser percebido e apreciado através da consciência, buscando sua significação. Segundo Gil (2008) este tipo de pesquisa se ocupa em descrever e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção, tendo como objetivo refletir sobre a essência do vivido.

Na presente pesquisa, os entrevistados foram convidados a colaborar sendo escolhidos de forma intencional não probabilística. Foi utilizado o método "bola de neve" descrito por Handcock e Gile (2011), por se tratar de um método apropriado para pesquisar grupos mais restritos ou difíceis de serem encontrados. Tem sido também

recomendado para explorar questões consideradas delicadas ou do âmbito privado, como a experiência de escutar vozes. Este método permitiu localizar, inicialmente, apenas um participante e este por sua vez indicou o segundo participante e assim sucessivamente.

A primeira colaboradora da pesquisa foi identificada durante a primeira Jornada de Saúde e Espiritualidade de Pelotas, que ocorreu em Novembro de 2018, promovida em parceria com a Liga Acadêmica de Saúde Espiritualidade e Humanização da UFPel, após relatar espontaneamente parte de sua história para um dos membros da jornada. Após este encontro a mesma foi convidada a participar deste estudo.

Nesta pesquisa, não foi realizado qualquer recorte a respeito da raça, gênero, escolaridade ou condição social dos participantes. Entretanto, ao convidar a pessoa para colaborar, foi necessário considerar alguns critérios. Os colaboradores foram sujeitos maiores de 18 anos, que escutam (ou já escutaram) vozes e que se declararam adeptos de uma crença religiosa que legitime o fenômeno de ouvir vozes como espíritas kardecistas, católicos carismáticos, protestantes pentecostais e religiões afro-brasileiras, conforme Alminhana et al. (2013). Além disso, no momento da entrevista todos demonstraram estar em pleno desempenho de suas funções sociais.

A realização desta pesquisa foi submetida à aprovação junto ao Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) sob o parecer 3.302.673 (CAAE: 10320019.4.0000.5317). Previamente à realização das entrevistas, os colaboradores receberam informações detalhadas sobre os objetivos desta pesquisa, como se daria a sua participação, sobre o uso de nomes fictícios em qualquer publicação de resultados de modo a não revelar suas identidades, assim como a possibilidade de se recusarem a prosseguir na pesquisa a qualquer momento. Todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, no qual essas e outras informações foram registradas de modo claro. Após a redação final e aprovação do trabalho, será realizado o envio do trabalho completo para os participantes. O material das entrevistas e das análises ficarão armazenados sob os cuidados da pesquisadora pelo prazo de 5 anos.

A busca de material para esta pesquisa foi realizada através de entrevista individual aberta, conforme o descrito por Minayo (2013). A entrevista foi conduzida a partir de uma pergunta disparadora: "Como é a sua experiência de escutar vozes, sabendo que outras pessoas não as escutam, no seu cotidiano?" Segundo Moreira

(2002) a pergunta disparadora é uma pergunta aberta que busca possibilitar o relato da experiência.

A escolha do formato de entrevista aberta se deu por possibilitar ao entrevistado fornecer ao pesquisador a maior quantidade possível de informações sobre o tema em questão, de forma detalhada. Além disso, a entrevista aberta permite, no seu desenvolvimento, abordar questões que auxiliem o entrevistado a relatar sua experiência em profundidade. Deste modo, a partir da escuta, o pesquisador conduz o entrevistado para que este narre o vivido de forma detalhada, mas intervindo o mínimo possível. Este tipo de entrevista, é habitualmente utilizado para a compreensão de questões culturais específicas de determinados grupos (MINAYO, 2013).

As entrevistas foram gravadas e transcritas para possibilitar a análise das mesmas. A análise das entrevistas foi realizada de acordo com o método de Forghieri (2002), que propõe um mergulho vivencial no material transcrito, alternado com o distanciamento reflexivo necessário para o levantamento de unidades de significado. O processo de construção das unidades de significado, acontece a partir da busca do pesquisador pelo sentido do todo, como consequência de sua disposição e perspectiva nessa busca, pois estas não se encontram prontas nos depoimentos (SZYMANSKI et al, 2002). Tais unidades surgem do encontro do olhar do pesquisador com a narrativa do entrevistado em um movimento de descoberta e co-criação.

Assim, as unidades de significado foram identificadas e agrupadas em constelações, construindo a redação da pesquisa conforme indicado por Szymanski et al. (2002) a partir da analítica do sentido de Critelli (1996), nas seguintes etapas:

1. Leitura da entrevista transcrita;
2. Identificação das "unidades de significado" com o foco na atribuição de sentido à experiência de ouvir vozes;
3. Diálogo teórico entre as "unidades de significado" e o fenômeno em estudo (experiência de escutar vozes e a inserção no contexto religioso);

De modo a apresentar os resultados obtidos a partir deste processo, após a análise das unidades de significado, estas foram agrupadas em três grandes constelações que deram nome aos três capítulos que compõe a seção de resultados deste trabalho. Mas antes, apresentaremos os participantes a partir de uma contextualização das entrevistas realizadas.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Ao serem convidados a participar deste trabalho, todos os futuros colaboradores se mostraram muito interessados em contribuir, e manifestaram contentamento em saber que existem pessoas interessadas em pesquisar sobre a escuta de vozes. Todos se declararam adeptos e participantes da religião espírita kardecista. Ao todo foram entrevistadas 4 pessoas, de forma individual, no formato aberto e cada conversa durou em torno de 80 minutos. Um ponto em comum que é interessante destacar é que todos os entrevistados buscaram a religião espírita por indicação de algum familiar ou amigo. Outra questão em comum que apareceu em todos os relatos foi que, atualmente, todos eles atribuem a causa das vozes que escutam a um fator externo, a espíritos, fenômeno este que na religião espírita kardecista é denominado de mediunidade. Este assunto será abordado com mais profundidade no Capítulo II deste trabalho. Abaixo é possível acompanhar uma breve apresentação dos entrevistados identificados com nomes fictícios e o conteúdo principal de suas narrativas.

Rita

Rita tem 58 anos, trabalha com turismo, é casada e mãe de três filhos. Desde os 10 anos de idade, tem recordações de ter percepções que outras pessoas não tinham. Enxergava pessoas que outros não viam, escutava vozes que outros não ouviam e conseguia saber de acontecimentos do passado e do futuro sem que estes lhe fossem relatados. Durante anos viveu situações ditas por ela como assustadoras, que lhe causavam mal-estar, pavor, estranhamento, ansiedade e até desconfiança com relação à sua sanidade mental. Ainda durante a infância, foi levada por familiares à diferentes vertentes religiosas na expectativa de cessar tais fenômenos. E embora tais situações deixassem de acontecer por algum período, sempre retornavam.

Tentou por anos ignorar estas experiências incomuns e parou de relatá-las à família, pensava que talvez este fosse o caminho para deixar de vivenciá-las, entretanto, ao final da adolescência, elas passaram a ocorrer de forma mais acentuada. Por recomendação do marido e de amigos começou a frequentar um centro espírita. Lhe falaram que este era o caminho para que tais fenômenos deixassem de ocorrer, mas não foi o que aconteceu. Até os dias de hoje, Rita vivência estas experiências, entretanto hoje lhe causam menos incômodo. Afirma não ter a capacidade de evitar estas

percepções pois, acontecem de forma espontânea e, embora não ache confortável, consegue aceitar e lidar com mais naturalidade com tais acontecimentos.

Antes de atribuir uma explicação de caráter imaterial para o que ela vivenciava, Rita tentou encontrar explicações físicas, buscou médicos, realizou exames diversos, ao ponto que o profissional de saúde lhe sugeriu procurar uma organização religiosa. Rita afirma que adquirir conhecimento e uma possível explicação racional sobre o que eram estas percepções não foi o suficiente para que ela passasse a vivenciar isso como algo natural. Além de atribuir um sentido, foram necessários anos de prática com estes fenômenos. Para Rita, a partir da visão de sua crença religiosa, estas experiências servem como comprovação da sobrevivência do espírito (como ser pensante), após a morte do corpo físico, o que para ela serve como um consolo.

Lívia

Lívia tem 40 anos, é casada, mãe de uma filha, e trabalha como vendedora autônoma. Quando foi convidada a participar desta pesquisa, se mostrou bastante solícita e interessada. Disse que lhe apraz relatar a sua história pois, acredita que possa servir de inspiração para pessoas que no momento possam estar passando por dificuldades semelhantes às que ela passou.

Embora atualmente continue a escutar vozes, houve um tempo em que, segundo Lívia, as vozes dominaram seu corpo e adoeceram sua mente. No início eram apenas pensamentos desagradáveis repetitivos e persistentes, mas aos poucos, vozes negativas e de comando começaram a se associar aos pensamentos, falando com Lívia constantemente. Ao manifestar alucinação visual, decidiu buscar atendimento clínico e recebeu o diagnóstico de Transtorno Obsessivo Compulsivo. Iniciou o tratamento farmacológico, chegando a tomar oito medicações simultaneamente. Entretanto as vozes não cessavam, assim como outros sintomas.

Lívia manifestava comportamentos repetitivos e não conseguia mais se concentrar, trabalhar ou cuidar de sua filha que, na época, contava com 10 anos. Relata que foi um período de muito sofrimento e que sentia muito medo de atender ao comando das vozes e se suicidar. Além disso, sentia intenso cansaço físico. Foi submetida a duas internações psiquiátricas e apenas não escutava as vozes quando estava dormindo sob o efeito de medicações. Descreve a situação como sendo “um beco sem saída” pois, quando não estava dormindo em estado de sedação, escutava vozes constantemente. Por vezes chegou a preferir ter uma doença física, mas não tinha escolha.

Buscou um centro espírita pela primeira vez a convite de uma amiga, pois está lhe disse que se sentia bem e dormia melhor nos dias em que assistia palestras e recebia o *passé*.² Livia conta que sua família, embora fosse adepta de outra crença religiosa, começou a incentivar que ela frequentasse este novo contexto religioso, pois notavam que seu sono era mais tranquilo nos dias em que ia ao centro espírita. Relata que, nas primeiras vezes em que foi ao centro, era muito difícil, pois não conseguia se concentrar nas palestras, apenas recebia o *passé* e ia embora, não tinha vontade de permanecer lá. Muitas vezes não queria ir, mas era “praticamente obrigada”, por insistência da família ou das próprias pessoas do centro espírita.

Alguns meses se passaram e Livia começou a ir ao centro espírita por vontade própria, continuava usando as medicações, e sentia-se um pouco melhor. Neste local, era incentivada a dar continuidade ao tratamento clínico e também lhe diziam que ela deveria cuidar do aspecto espiritual, assim como dos aspectos físico e mental. Conta que, passado o período de aproximadamente um ano, os trabalhadores do centro espírita, lhe disseram que as vozes que escutava não eram oriundas de sua mente, eram espíritos que estavam se comunicando, pois ela teria mediunidade. Para Livia aquela explicação fez sentido, pois o que ela sentia não condizia com o que as vozes falavam, o que lhe causava intenso conflito. No contexto religioso, foi informada que deveria estudar e trabalhar sua mediunidade, pois este era o caminho para a sua melhora, juntamente com o tratamento medicamentoso.

Livia frequenta o centro espírita duas a três vezes por semana e às terças-feiras trabalha a mediunidade. Me contou que, durante o trabalho na mesa mediúnica ela e outros médiuns “emprestam o corpo para os espíritos se comunicarem”, e que este é o momento e local apropriado para as vozes se manifestarem. Sendo assim, quando as vozes falam com Livia fora do centro espírita, procura não se concentrar no que estão dizendo, faz orações ou escuta música. Hoje não dá a mesma importância que dava antigamente às vozes e, se um espírito deseja falar com ela, ele terá de esperar o dia do trabalho no centro espírita. Diz que se esforça constantemente para se manter bem, pois neste estado as vozes não lhe causam tanto mal.

Hoje, após ter encontrado meios de lidar com as vozes que escuta, Livia diz que acredita que conquistou admiração das pessoas com quem convive por ter dado a volta

² Segundo Lucchetti et al. (2013) o “*passé*” é compreendido pelo Espiritismo como uma imposição de mãos que resulta em uma troca de fluidos e energias derivadas do médium, de bons espíritos ou uma combinação de ambos.

por cima. Diz ainda que, sente “necessidade de ser grata a vida” e ajudar a quem precisa sempre que possível, após ter passado por tudo que passou.

Valentina

Valentina tem 54 anos, é viúva e trabalha como servidora pública. Durante parte da infância, acreditava que, assim como ela, todos escutavam aquelas vozes. Foi por volta dos 9 anos de idade que começou a perceber que não eram todas as pessoas que tinham as mesmas percepções. Recorda diversas situações em que as vozes lhe transmitiram tranquilidade e auxiliaram fornecendo conselhos. Ainda na infância, quando pretendia fazer algo arriscado, ouvia uma voz equivalente à de um senhor que lhe advertia com frases curtas. E até hoje Valentina escuta esta e outras vozes que se repetem ao longo dos anos. Para ela as vozes têm personalidades distintas, podendo ser uma voz feminina ou masculina, mais jovem ou mais velha. Valentina relata que diferencia a emoção transmitida pela voz e pelo seu timbre percebe tratar-se de uma “voz mais irritada”, ou mais “calma”.

Além de escutar vozes, Valentina também têm percepções que outros não têm afirmando ver pessoas que já faleceram. Para ela, a escuta de vozes, assim como as visões são algo involuntário e por isso já viveu situações constrangedoras como, por exemplo, conversar com pessoas que somente ela estava enxergando em estabelecimentos comerciais ou mesmo na rua. Por isso, acredita que algumas pessoas da cidade a consideram louca e isso a deixa um pouco constrangida.

Durante a infância, quando falava sobre as vozes que ouvia no contexto religioso em que estava inserida, recebia castigos, deste modo entendeu que era melhor não falar mais sobre tais percepções. Na adolescência, conheceu a religião espírita kardecista a convite de uma amiga que falou sobre vida após a morte, despertando seu interesse. A primeira vez que foi ao centro espírita, Valentina se sentiu acolhida pois, naquele ambiente, as pessoas expressavam ideias que eram compatíveis com o que ela acreditava. Por volta dos 16 anos, começou a estudar sobre o espiritismo e, a partir do estudo, passou a dar significado a experiências que vivia desde a infância. Valentina passou a atribuir as visões e as vozes que ouvia a espíritos. Foi a partir deste momento que teve certeza que não eram todas as pessoas ao seu redor que viam e ouviam o mesmo que ela. E além de uma explicação, Valentina encontrou naquele contexto religioso pessoas que, assim como ela, apresentavam percepções diferenciadas. Conta que encontrá-las foi tranquilizador pois, passou a ter certeza de que as vozes que ouvia

não eram “coisas da sua cabeça”, atribuindo as vozes a espíritos. Além disso, antes acreditava que ninguém poderia compreender suas vivências, mas ali encontrou pessoas que compreendiam e aceitavam.

Quando Valentina tinha cerca de 30 anos, começou a apresentar desmaios sem uma causa aparente. Buscou um neurologista, realizou diversos exames, mas não chegaram a um diagnóstico específico. Os desmaios seguiram ocorrendo por cerca de dois anos. Além de realizar o tratamento medicamentoso convencional durante um ano, Valentina contou sobre os desmaios para o coordenador do centro espírita que frequentava, e este a convidou para começar a fazer parte do trabalho mediúnico do local. A partir da inserção neste grupo de trabalho Valentina, começou a aprender como identificar a aproximação de um espírito, a escutar através das vozes a mensagem transmitida e a reproduzir esta mensagem para os outros membros do grupo. Passou também a atribuir um fim útil para as vozes que escutava: receber e transmitir mensagens de espíritos. E após começar a participar do trabalho mediúnico os desmaios cessaram.

Segundo Valentina, começar a frequentar o contexto religioso espírita tornou a escuta de vozes algo mais frequente, mas aumentou a sua fé em Deus e a modificou como pessoa. Hoje se considera uma pessoa mais compreensiva com os demais.

Adrian

Adrian é estudante de ensino superior e tem 21 anos. Nos encontramos para realizar a entrevista em uma sexta-feira à noite pois, Adrian praticamente não tem horários livre durante o dia devido as atividades acadêmicas das duas graduações no campo das ciências humanas que está cursando no momento. Ele mesmo se orgulha de atualmente conseguir conciliar com sucesso dois cursos superiores sem nenhuma reprovação, visto que anos atrás, em decorrência das vozes que escutava, tinha dificuldades de concentração e chegou a ser reprovado mais de uma vez no ensino fundamental.

Embora escutasse vozes desde a infância, foi na adolescência que esta escuta começou a lhe causar incômodo. Na adolescência, as vozes se tornaram negativas, pejorativas e de comando dentro de sua cabeça. Adrian se sentia ameaçado pelas vozes e temia que algo ruim acontecesse ou pudesse morrer se não agisse conforme o comando das vozes. Ainda na adolescência recebeu diversos diagnósticos: depressão,

síndrome do pânico e transtorno obsessivo compulsivo. Chegou a iniciar tratamento com antidepressivo, entretanto interrompeu devido aos efeitos colaterais.

Durante alguns anos, compartilhou tais experiências apenas com a irmã que tinha por hábito ler livros de conteúdo espiritualista. Por orientação desta, Adrian buscou sozinho um centro espírita pela primeira vez aos 15 anos. No centro espírita foi recepcionado por trabalhadores do local que lhe ouviram e lhe forneceram explicações sobre as vozes semelhantes às que eram fornecidas pela irmã de Adrian, porém mais esclarecedoras, atribuindo a origem das vozes a espíritos. Adrian conheceu pessoas que passavam por experiências semelhantes às que ele vivia e sentiu que não estava mais sozinho. Ao começar a frequentar este contexto religioso Adrian não mais considerava suas percepções algo “anormal”. Começou a estudar o espiritismo, a participar das atividades de mediunidade (comunicação com os espíritos) e aos poucos passou a confiar mais em si mesmo. Para Adrian foi a vivência religiosa que o ajudou a entender a escuta de vozes como um fenômeno natural.

Acredita que se não tivesse buscado o contexto religioso para auxiliá-lo a compreender tais vivências, teria sido submetido a internação psiquiátrica. Conta que a partir do estudo da mediunidade está aprendendo a ter autocontrole e a manter bons pensamentos, artifícios utilizados para não escutar vozes negativas. Além disso tem por hábito realizar preces. Atualmente Adrian não se sente mais incomodado pelas vozes, pelo contrário, diz ser auxiliado, escutando palavras de incentivo e inspirações. Ademais, sabe que pode contar com o apoio de pessoas do centro espírita caso volte a se sentir incomodado por vozes negativas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Capítulo I - Ouvir vozes: para além do aspecto psicopatológico

Ao longo da história da humanidade, diversas personalidades como Sócrates, Moisés, Joana D'Arc, Virgínia Woolf, Gandhi, entre outros (WOODS, 2013) vivenciaram o fenômeno de escutar vozes, sem que este fenômeno fosse considerado sinônimo de psicopatologia. A audição de vozes já esteve associada à espiritualidade, criatividade, e até mesmo *insight* filosófico (COUTO; KANTORSKI, 2018). Entretanto, com o surgimento e popularização da psiquiatria, entre outras ciências de cunho positivista, especialmente no ocidente, a escuta de vozes passou a ser interpretada como sintoma e conseqüentemente como sinônimo de loucura. O estigma da loucura, socialmente construído, acarretou incontáveis conseqüências, dentre as quais podemos citar o silenciamento das pessoas que escutam vozes (FOUCAULT, 2013).

O estigma da loucura associado a escuta de vozes, apareceu de forma recorrente em diferentes momentos das entrevistas realizadas nesta pesquisa, sendo identificada como uma das unidades de significado. Vale lembrar que, estas unidades “não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador” (SZYMANSKI, 2002, p.66) e deste modo são inevitavelmente influenciadas pela sua intencionalidade.

O estigma

Na fala dos quatro entrevistados, é possível notar, de algum modo, o receio do estigma social relacionado à loucura e como sentiam ou ainda sentem o constrangimento deste estigma e as possíveis conseqüências associadas. Segundo Smith (2007) pessoas que ouvem vozes podem manter este fato em segredo por anos, vivenciando uma experiência angustiante e solitária, justamente por temerem a estigmatização social. O primeiro trecho apresentado, traz uma fala de Rita, que corrobora essas questões.

(...) por eu não saber o que era, quando na infância (ouvir vozes) me causou esse constrangimento, de não poder falar dessas coisas e não entender. O que poderia acontecer se eu não me cuidasse? Talvez eu seria internada como doida ne?! (Rita)

Ainda criança, Rita compreendeu que falar sobre as vozes que ouvia e as outras percepções que tinha não era algo apreciado pelas pessoas de seu convívio. Diante do olhar do outro para suas vivências, ela aprendeu ainda na infância que deveria “se cuidar” e não revelar tais experiências para qualquer pessoa. Entretanto, Rita recorda de uma amiga da família que pertencia a uma religião de matriz africana e que tentava lhe auxiliar a lidar com tais experiências, além de buscar tranquilizar sua família, atestando a naturalidade daqueles fenômenos.

Valentina por sua vez, demonstrou em sua entrevista uma preocupação com o olhar do outro e a interpretação dada por este outro às suas experiências. Disse ter conhecimento que algumas pessoas da cidade a consideram “louca”. Para ela a justificativa está no fato de, às vezes, conversar com as vozes em ambientes onde as pessoas não compreendem esta experiência.

Imagina eu respondendo para o nada! O que que as pessoas vão pensar, tu já pensou? É uma coisa meio difícil. (...). Eu pensei assim, vão achar que eu sou louca. Porque tinha um monte de gente na calçada e eu falei para o nada. (...). Por isso que as vezes eu acho que dizem que eu sou louca, por causa dessas coisas, que eu falo com quem não existe e não me dou conta. (...) tem muitas pessoas que dizem mesmo ‘aquela mulher é louca’. E eu acho que é por isso. (Valentina)

Por não considerar a escuta de vozes como uma manifestação humana e além disso significativa para o ouvinte, uma parte da sociedade ocidental contemporânea associa esta escuta a doença mental, mas segundo Smith (2007) supor que ouvir vozes é em si um sinal de doença é uma suposição equivocada que não tem por base experiências reais. Esta postura social perpetua o estigma da doença mental e contribui para o isolamento destas pessoas, que passam a evitar o compartilhamento de suas experiências. No relato de Valentina apresentado acima, é possível compreender que em determinados momentos, este compartilhamento acontece involuntariamente, devido a espontaneidade da experiência e ao fato desta não ser restrita ao âmbito privado.

Adrian por sua vez nos fala do preconceito sofrido pela escuta de vozes na própria família:

(...) é uma coisa assim sabe, eu não sei te explicar muito bem porque é uma coisa que só quem tem sente, e quem não tem aquilo acha até que é meio... 'ah é loucura aquilo ali, manda internar' porque meu pai é mais antigo e ele geralmente fala isso. (Adrian)

Esta fala em especial soou de forma impactante, pois além de revelar a associação da escuta de vozes à loucura releva também a lógica manicomial de reclusão que elege o internamento como única alternativa para lidar com a psicopatologia. Segundo Foucault (2013), esse discurso que submete a loucura ao isolamento começou a ser construído a partir da metade do século XVII e foram necessários quase dois séculos para que a lógica da exclusão se estabelecesse. Tal discurso emergiu e foi alimentado por diversos acontecimentos e interesses de um contexto social, econômico, político e religioso da época. Uma nova forma de compreender e lidar com a pobreza, problemas ocasionados pela falta de emprego e ociosidade e um estado totalitário com poder absoluto que utilizava formas autoritárias de coação, foram fatores que contribuíram para a segregação da loucura. Além disso, em uma era em que a razão passou a ser extremamente valorizada, a loucura foi compreendida como a sua negação, conseqüentemente desqualificada e até mesmo abominada. Como relata Lívia, o simples movimento de buscar um atendimento relacionado a saúde mental pode ser associado à loucura e conseqüentemente a seu estigma.

(...) parece mentira, mas 10 anos, 12 anos atrás, as pessoas achavam que ir num psiquiatra era coisa para louco né? Aí eu digo assim, "você precisam me levar, eu estou ruim, estou ruim", aí realmente eu contei, contei tudo. Aí a gente saiu para jantar e vim embora muito ruim, aí eu desabei. (Lívia)

Neste trecho, Lívia mostra que foi necessário convencer a família de que ela precisava buscar um profissional de saúde, para lidar com o sofrimento que estava vivendo. A princípio, a família foi resistente, mas depois compreenderam que ela estava solicitando ajuda. Podemos notar que Lívia estava com sua capacidade de autocrítica preservada, pois foi capaz de identificar que precisava de ajuda e manifestar esse pedido, o que indica uma atitude muito saudável. Mas a conduta inicial da família chama a atenção, ficando evidente que a princípio não era um consenso que Lívia buscasse um psiquiatra. Será que se ela estivesse com uma dor no peito a família apresentaria

resistência a buscar um cardiologista? É fato que existe um estigma associado a questões de saúde mental, porém este estigma é ainda mais acentuado quando se trata da experiência de escutar vozes, pois está é erroneamente associada a transtornos mentais severos, como a esquizofrenia.

Augras (1986) problematiza o psicodiagnóstico, através do olhar fenomenológico, quando afirma que " [o] significado jamais é alcançado em sua totalidade, da mesma maneira que a complexidade individual nunca se encerra dentro de um diagnóstico." (p.16). Neste sentido, o método fenomenológico é uma proposta de compreensão que se dispõe a respeitar "a complexidade do real e encontrar o sentido dentro do próprio fenômeno" (AUGRAS, 1986, p.16). Trata-se de uma proposta que nos faz caminhar na direção oposta à do pensamento normatizado na nossa cultura, que tende a interpretar as questões inerentes da existência humana como sintomas e como problemas que devem ser superados com o tratamento adequado (AUGRAS, 1986).

Embora escutar vozes seja considerado algo comum entre pessoas que recebem o diagnóstico de esquizofrenia (aproximadamente 75%), a recíproca não é verdadeira. A escuta de vozes de modo algum deve ser considerada um fenômeno patológico que precisa ser erradicado. É preciso compreender a escuta de vozes como experiência que é, sendo significativa, interpretável e intimamente ligada à história de vida de quem as ouve. Mas se ainda assim, considerarmos as pessoas que apresentam um diagnóstico em saúde mental e escutam vozes, 20% daqueles que foram diagnosticados com mania escutam vozes, e em casos de depressão a cada dez pessoas que apresentem o diagnóstico, uma relata ouvir vozes (SMITH, 2007).

A escuta de vozes pode estar associada a causas variadas, como efeitos colaterais de drogas, lesões cerebrais e fenômenos culturalmente sancionados. Entretanto, boa parte da sociedade ocidental contemporânea ainda considera este fenômeno como sinônimo de anormalidade ou doença que precisa ser investigado e tratado (RITSHER et al, 2004; BARROS et al., 2018).

Não são apenas pessoas que sofrem de transtornos psicóticos que ouvem vozes. De acordo com Nuevo et al., (2012) em estudo solicitado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 52 países com 256.445 pessoas que não utilizavam serviço de saúde mental, foi possível verificar que a prevalência da presença de pelo menos um sintoma psicótico varia muito em todo o mundo (0,8% a 31,4%). Este estudo também apontou que o sintoma psicótico mais comum foi escutar vozes. Em consonância com esta perspectiva, a Associação Americana de Psiquiatria, na última edição do Manual

Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, reconhece que embora ouvir vozes possa ser compreendido como sintoma, dependendo do contexto cultural em que ocorra, ouvir vozes pode ser um elemento natural de experiências religiosas (APA, 2014).

Neste sentido, Rita, Lívia, Valentina e Adrian atribuíram novos significados a escuta de vozes com auxílio de vivências fomentadas pelo contexto religioso, no caso, através da religião espírita kardecista. Entretanto, existem outras religiões e contextos culturais que aceitam e até valorizam esta escuta (ALMINHANA; MENEZES JÚNIOR, 2016). No Capítulo II deste trabalho abordaremos de forma mais aprofundada estes e outros aspectos da vivência religiosa narrados pelos entrevistados.

Sentimentos e sintomas associados à escuta de vozes

Outra unidade de significado encontrada foi a manifestação de outros sintomas físicos ou cognitivos associados à escuta de vozes. Os entrevistados relataram que antes de aprenderem a lidar com a escuta de vozes, apresentavam dificuldades de concentração, cansaço físico, dificuldades para dormir, taquicardia. Além disso, todos mencionaram que o sentimento predominante era o medo.

(...) eu não conseguia me concentrar, no que tu falasse para mim, eu não conseguia olhar uma televisão, eu não conseguia saber que gosto tinham as coisas, entende? Porque eu não dominava meu pensamento mais entende? Ele não era mais meu. Eu tinha uma confusão e uma cansaça física muito grande. (Lívia)

No trecho destacado acima, Lívia manifesta que era seu ser como um todo que se encontrava adoecido e, conseqüentemente, em sofrimento. Inicialmente, eram apenas aspectos de seu psiquismo que estavam comprometidos, mas inevitavelmente o “mental” impactou em todas as demais esferas da sua existência: física, social e espiritual.

Messas (2014) ao estudar Karl Jaspers nos fala de uma psicopatologia fenomenológica e da importância de vislumbrar o ser em sua totalidade, superando psicopatologias fragmentárias que se limitam apenas a certas manifestações de doenças. Mas ressalta que sempre haverá uma tensão entre o todo e as partes, pois estes se constituem reciprocamente. Assim, ao propor esta abordagem fenomenológica da psicopatologia, propõe uma nova forma de compreender o sintoma, dita

“hermenêutica”, que preza pela compreensão das partes através do todo e a compreensão do todo através das partes, estabelecendo assim uma circularidade. O sintoma não é algo à parte do sujeito, é algo que, momentaneamente, também constitui o sujeito. Deste modo o sintoma faz parte de um organismo que funciona de forma integral e por isso não pode ser observado de forma isolada. Como afirma Adrian,

(...) ficava com medo, não conseguia dormir muitas vezes. Tinha pensamentos ruins, preguiça. Eu não fazia nada, me atrapalhava na escola, rodei durante três anos na escola, me atrapalhou muito. (Adrian)

Adrian contou como a escuta de vozes o atrapalhou durante anos de sua adolescência. Chegava a passar noites acordado por não conseguir dormir, em decorrência das vozes e do medo que sentia, sentimento associado ao conteúdo falado pelas vozes. Ele contou que uma das coisas que mais lhe causava medo era o fenômeno de as vozes dizerem que ele iria morrer após ser enterrado vivo. Tinha pensamentos ruins, relacionados à sua morte e à morte de pessoas queridas. Adrian também tinha dificuldades para se concentrar e chegou a apresentar reprovações na escola que o levaram a ter que repetir de ano por três vezes.

O medo é um sentimento recorrente entre as pessoas que escutam vozes, sendo citada como a emoção mais comum de ser vivenciada ao ouvir vozes pela primeira vez (KANTORSKI et al., 2018a; KANTORSKI et al., 2017). E entre os nossos entrevistados não foi diferente. Todos relataram medo, pavor ou outros sentimentos semelhantes, em especial quando a experiência era algo desconhecido para eles.

Antes eu ficava quieta, mas era bastante assustador, porque gerava ansiedade, medo e se eu contava para alguém, como eu contei para o padre, era “coisa do diabo”. (...) (Rita)

Neste trecho, Rita nos conta que chegou a dividir algumas percepções com o líder do contexto religioso que frequentava na época, mas o significado atribuído às suas vivências não foi algo confortador e a deixou ainda mais assustada. Andrade (2013, p.34) nos fala do papel do outro na construção do significado

O significado de algo não está preso a alguma coisa, é encontrado na teia de relações que constituem o mundo humano, pois nada aparece sozinho, as coisas se revelam na pluralidade – o encontro entre homens que marcam o existir deste mundo humano.

Deste modo, logo nas primeiras tentativas de compartilhar e atribuir significado às experiências vividas, as percepções de Rita receberam um caráter maléfico, o que contribuiu para aumentar o medo e o sofrimento. Questões culturais estão diretamente relacionadas ao significado atribuído às vozes e conseqüentemente à forma como as pessoas lidam com este fenômeno (CARDEÑA et al., 2013). Algo semelhante aparece na fala de Lívia:

Muito medo! Medo! E o medo não era só das vozes, o medo era de eu acabar fazendo aquilo que eles queriam, porque eles me falavam justamente o que era para fazer, (...) para eu me matar. (Lívia)

Lívia compartilha o medo que sentia de atender aos comandos das vozes. De acordo com Couto e Kantorski (2018) vozes de comando costumam trazer maior prejuízo ao cotidiano dos indivíduos, por serem mais invasivas e amedrontadoras. Connor e Birchwood (2011), em estudo com 74 ouvintes de vozes, consideraram o sentido atribuído a estas pelo ouvinte como preditores de depressão e pensamento suicida. Os autores apontaram que os ouvintes que avaliaram as suas vozes como positivas apresentaram níveis mais baixos destes comportamentos. Neste sentido, destacam a importância que deve ser dada ao conteúdo manifesto pelas vozes.

Kantorski e colaboradores (2018a) nos falam ainda que ouvir vozes pode ser uma experiência perturbadora, que pode acompanhar a pessoa por muitos anos, levando o ouvinte a buscar um entendimento que lhe dê sentido ou a tentativa de suprimir esta escuta. O medo pode estar relacionado à associação que existe entre ouvir vozes e à loucura. Deste modo, para evitar o estigma, os ouvintes podem ser levados a vivenciarem essa experiência de forma solitária, o que a torna ainda mais assustadora. A fala de Rita exemplifica alguns dos sentimentos que podem acompanhar a escuta de vozes:

(...) antes eu tinha ansiedade, daí um pouco eu sentia frio, daí um pouco eu sentia calor (...) parecia que o meu coração ia sair pela boca. (...) eu acho que foi de uns 10 anos para cá que eu aprendi a lidar mais, que eu comecei a pelo menos, a não me apavorar tanto, porque às vezes eu sentia ansiedade, me causava ansiedade, me causava aquele mal-estar físico sim. (Rita)

Rita contou que apenas há alguns anos tem conseguido vivenciar o fenômeno de escuta de vozes sem que isto seja uma experiência ansiogênica. Antes de aprender a lidar com as vozes isso lhe causava muita angústia e até mesmo sintomas físicos como bem citou com o exemplo de taquicardia.

Deste modo, compreendemos que não basta apenas verificar se a pessoa escuta vozes. Não basta detectar sintomas pois tal postura não nos permite acessar com profundidade a dimensão psicológica do ser. É necessário se aproximar da experiência, escutar os significados e valores atribuídos àquela manifestação, que é, acima de tudo, uma manifestação humana (BORGNA, 2011).

Características das vozes

A característica das vozes também foi identificada como unidade de significado. Ouidores relatam que as vozes podem se manifestar de diferentes formas. Existem pessoas que escutam apenas uma voz, outras escutam várias. Para alguns, pode ser apenas um ruído incessante, vozes de pessoas estranhas ou ainda familiares. As vozes podem se manifestar algumas vezes ao longo do dia ou de forma contínua, cessando apenas durante o sono (GOULART, 2018; SMITH, 2007).

Uma de nossas entrevistadas, Lívia, contou em seu relato que chegava a ser acordada pelas vozes durante a noite. Segundo ela, as vozes diziam que iriam leva-la embora. Lembra-se de várias vezes acordar assustada gritando. Isso nos ajuda a compreender o quanto esta experiência podia ser angustiante, perturbadora e prejudicial. O sono é um processo biológico indispensável para consolidar a memória entre outras funções fisiológicas importantes. Assim, ao ter o sono prejudicado, a pessoa pode sofrer prejuízos em seu funcionamento físico, cognitivo e social, comprometendo sua qualidade de vida (MÜLLER; GUIMARÃES, 2007).

Adrian nos contou que algumas vezes consegue identificar o gênero da voz, ou seja, se é uma voz feminina ou masculina. Ele ainda atribuiu outras características às vozes, que para ele podem ser suaves ou grosseiras.

Tem dias que eu tô mais sensível consigo identificar que é uma mulher, parece que é uma voz mais feminina. (Adrian)

Valentina, por sua vez, contou que para ela é como se as vozes tivessem personalidades distintas, de acordo com o timbre de cada voz. Ao escutar uma voz, por apenas uma vez, ela memoriza aquela voz, e caso esta voz venha a falar com ela novamente ela a reconhece. Relatou desde criança ouvir uma mesma voz que para ela se assemelha a voz de um senhor. E ainda ressalta que não era um problema escutar aquela voz.

E a voz para mim, no meu conceito de criança, era uma voz de uma pessoa mais idosa, até hoje é a mesma voz, não muda o timbre nem coisa nenhuma, nunca mudou. Uma voz de homem e uma voz assim, que me parecia de um senhor, um senhorzinho, então para mim aquilo era normal, ouvir aquela voz, não tinha problema nenhum. (Valentina)

Valentina contou experiências positivas relacionadas à escuta de vozes. Em momentos de dificuldade, ainda na infância, essa voz a acalmava e aconselhava com frases curtas. Ela chegou a citar exemplos das frases ditas pela voz no trecho destacado abaixo:

E nessas coisas assim sempre me lembro que a voz nos acalmava. "Não tenham medo. Fiquem calmos. Esperem aqui." Tu entendeu? (...) Nos momentos de perigo, nos momentos de decisões difíceis, ela (a voz) me chegou. (Valentina)

Entretanto, Valentina contou que já escutou outras vozes, uma delas ela chegou a caracterizar como "raivosa". Me falou que já chegou a ouvir vozes de comando que não eram boas para ela, pois diziam para ela atirar uma pedra em outra pessoa. Valentina compreendeu sozinha que não poderia seguir a todos os comandos que as vozes lhe dessem.

De acordo com o conteúdo das vozes e da relação que o ouvitor estabelece com elas, as vozes podem ser consideradas ameaçadoras, controladoras, negativas ou até mesmo gentis, amigáveis e positivas (ANTONACCI; MINELLI, 2018; COUTO; KANTORSKI, 2018).

Lívia conta que no início, quando começou a escutar as vozes, o conteúdo das vozes era sempre negativo:

E as vozes sempre assim: “Tu tens que te deitar! Tu tá mal! Tu vai morrer!”, entendesse? “A tua vida não tem sentido”.... Era meio suicida assim.... As vozes eram tipo suicidas (...). (Lívia)

Entretanto, atualmente, além de escutar as vozes negativas, Lívia também escuta vozes positivas. Ela diz que percebe que tal fato está associado ao seu estado de humor. Quando está se sentindo mais triste ou discutiu com alguém naquele dia provavelmente ouvirá vozes negativas. Por isso uma das formas que ela encontra para lidar com as vozes, atualmente, é tentar manter sempre pensamentos positivos, mas reconhece que, como qualquer pessoa, tem dias em que não consegue.

Hoje eu escuto de tudo, tanto coisas boas como ruins, hoje é de tudo um pouco, só que eu quero explicar que isso não é da hora que eu acordo até a hora que eu durmo, não é uma coisa que acontece a todo o momento, a todo minuto, não! Não! Por exemplo assim, acontecem duas vezes ao dia, uma vez ao dia, e não me atrapalha a fazer as coisas. (Lívia)

No relato de Lívia, pude notar que, à medida em que ela mudou a forma de se relacionar com as vozes, adotando diversas estratégias, a frequência com que estas se comunicam com ela diminuiu. Antes, esta escuta acontecia ininterruptamente, de modo que chegava a acordá-la durante a noite. Hoje, como podemos notar no trecho acima, esta comunicação acontece de uma a duas vezes ao dia.

Quando questionei Adrian se a escuta de vozes, de algum modo, o atrapalhava nos dias de hoje, ele trouxe que, embora em outros momentos da sua vida tenha sentido que as vozes o atrapalhavam, hoje ele sente que elas são capazes de lhe auxiliar, com palavras de incentivo e apoio.

Não me atrapalha, não me atrapalha em nada, inclusive me ajuda em muitas coisas. Nos estudos por exemplo, às vezes eu tô assim meio que desanimado e eles³ chegam para mim e dizem: “Não desiste! Tu tens tudo para dar certo. Vai em frente.” (...) Sempre me ajudando a ir para frente (...). (Adrian)

³ Neste trecho da entrevista, ao falar “eles” Adrian se remete aos espíritos, que de acordo com seu contexto religioso são os responsáveis pelas vozes.

Ao longo da nossa conversa Adrian contou ainda que, em alguns momentos, sente como se estivesse conversando com as vozes, em uma “troca de ideias”, sugerindo ideias novas, auxiliando-o em processos criativos, algo que ele considera bastante positivo.

Outras percepções além da escuta de vozes

A experiência de ouvir vozes, compreendida como uma manifestação humana, é uma vivência complexa, singular, e pode não se restringir apenas à audição, podendo vir a abranger todos os outros sentidos (COUTO; KANTORSKI, 2018). Esta situação foi relatada por todos os entrevistados. Além da percepção auditiva, Valentina e Lívia relataram já terem tido percepções visuais e olfativas. Rita, também relatou percepções visuais e Adrian relatou percepções táteis.

Merleau-Ponty (1999) é um dos autores mais importantes da fenomenologia, o qual aborda em profundidade o tema da percepção. Na obra *A fenomenologia da percepção* nos convida a retornar à experiência perceptiva. Segundo este autor, essa experiência é um modo de sentir o mundo ao primeiro contato com este, é a nossa relação direta e sensível com as coisas e pode nos fornecer informações valiosas. Antes de pensar sobre e elaborar o mundo ao nosso redor, o sentimos e vivenciamos de forma direta através de nosso aparato psicobiológico, que permite que a percepção ocorra. Mas, em especial na cultura ocidental, fomos condicionados a evitar este contato ingênuo proporcionado pela percepção e buscamos fazer uso da racionalidade e do pensamento intelectual para explicar o mundo e as coisas do mundo. Dialogando com a fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty, Forghieri (2002) nos alerta que, embora as elaborações racionais sejam necessárias, elas sempre serão incompletas.

Elas são significativamente importantes em nossa vida, pois nos fornecem parâmetros que nos permitem, até certo ponto, explicá-la e planejá-la, sendo indispensáveis para nos proporcionar alguma segurança; mas é necessário reconhecermos que nossa existência é constituída de uma abrangência que ultrapassa, consideravelmente tais elaborações. (p.43)

Assim, embora a complexidade da existência não se restrinja a tais elaborações, para todos os nossos entrevistados foi importante realizar esta elaboração racional com relação a escuta de vozes, assim como para as demais percepções. Foi necessário atribuir uma causa e um sentido ao fenômeno vivenciado.

A fim de se aproximar da fenomenologia de tais percepções, como as relatadas pelos colaboradores deste trabalho, autores como Alvarado (2013), Pekala e Cardeña (2013), Targ et al. (2013) entre outros, tem realizado inúmeros estudos sobre as ditas “experiências anômalas”. Segundo Cardenã et al. (2013) este termo é utilizado para definir experiências incomuns, e que, apesar de ser relatada por uma parcela considerável da população, desviam das explicações de realidade ordinariamente aceitas. Podem ser compreendidas por este conceito experiências alucinatórias visuais, ouvir vozes, sinestesia, sonhar lúcido, experiências fora do corpo, experiências de vidas passadas, experiências de quase morte, experiências de curas anômalas, experiências místicas, entre outras.

Ao se dispor a compreender de forma integral a complexidade do ser, a Psicologia precisa se debruçar sobre fenômenos que embora possam ser ditos incomuns, fazem parte da experiência humana em sua completude. Neste contexto, fica evidente que é preciso se aproximar de experiências que se diferenciem daquelas ditas "normais", como é o caso das ditas “experiências anômalas”. E antes de interpretar se uma experiência é incomum ou anômala é imprescindível considerar o contexto cultural no qual ocorre, pois o que é considerado anômalo em uma cultura pode ser a norma em outra (CARDEÑA et al., 2013).

Pesquisas sobre experiências anômalas (ALMEIDA; NETO, 2003; ALMINHANA; TATTON-RAMOS, 2017; REICHOW, 2017; RITSHER et al., 2004; ZANGARI, 2007;) têm apontado para uma interface entre estas manifestações e aspectos da religiosidade e da espiritualidade. Espíritas kardecistas, católicos carismáticos, protestantes pentecostais e religiões afro-brasileiras são alguns grupos religiosos que valorizam as experiências anômalas, como ouvir vozes (ALMINHANA et al., 2013). Ademais, algumas pessoas quando vivenciam tais experiências buscam um contexto religioso ou espiritual que lhe ofereça explicações e sentido para esse fenômeno (ALMINHANA, 2015).

Novamente nos deparamos com a necessidade eminentemente humana de buscar explicações para as experiências vividas.

Como seres racionais, temos **necessidade de analisar a nossa vivência** cotidiana imediata para conceituá-la e estabelecer relações entre nossas experiências, **elaborando desse modo um conjunto de conceitos**, relacionados por princípios coerentes, **que nos permitam explicá-las**. Isso nos fornece elementos, de certo modo objetivos, para conhecermos o nosso existir no mundo, e elaborar uma “teoria” sobre o mesmo, que nos possa oferecer **alguma segurança**, tanto para explicar as situações que já vivemos ou estamos vivendo, como para planejar as nossas futuras ações (FORGHIERI, 2002, p.39 grifos nossos).

Percebemos que para Rita, Livia, Valentina e Adrian encontrar um contexto que possibilitou analisar, teorizar e explicar as experiências perceptivas que vivenciavam foi algo que os auxiliou a ressignificar estas experiências. Eles trilham este caminho de ressignificação através da dimensão religiosa, dimensão esta que desde o início das civilizações influencia a sociedade na constituição cultural e na elaboração de significações, embora no âmbito de estudos da psicologia, estas questões ainda sejam tratadas como tabus (LUCZINSKI, 2005).

Zangari (2007) nos fala que a interpretação de uma experiência subjetiva dependerá mais do referencial interpretativo do indivíduo que das características específicas da experiência. Além disso, a pessoa sempre irá utilizar interpretações culturais fornecidas na tentativa de atribuir significado às experiências. E esta colocação mais uma vez nos remete a obra “A Louca e o Santo” (CLÉMENT; KAKAR, 1997), citada no início deste trabalho, em que o contexto cultural foi determinante para as distintas interpretações atribuídas às experiências de Ramakrishna e Madeleine, que em essência eram bastante similares. Mas, diferente de Madeleine, Ramakrishna contava com o aporte de um sistema de crenças religiosas que valorizavam suas percepções. Assim, podemos dizer que estar inserido em um sistema cultural que auxilie a interpretação das múltiplas possibilidades de percepções humanas, é determinante para o modo como tais experiências perceptivas serão vividas.

CAPÍTULO II - Vivência da religiosidade: uma experiência

Alguns profissionais e estudiosos da psicologia têm se debruçado sobre uma área denominada psicologia da religião, dentre os quais podemos citar Amatuzzi (1999), Ancona-Lopez (2002), Mahfoud (1996), Safra (2005), Zangari (2007), entre outros. Para a psicologia da religião os conceitos “religião” e “religiosidade” já são mais antigos, mas o mesmo não pode se dizer de “espiritualidade” (VALLE, 2005). Deste modo, para iniciar este Capítulo consideramos importante inicialmente conceituar os termos religião, religiosidade e espiritualidade.

De acordo com o “Handbook of Religion and Health” (KOENIG et al., 2001) podemos definir religião como um sistema organizado de práticas, crenças e símbolos, que constitui um dos caminhos (pois existem muitos outros) para facilitar o acesso ao transcendente. O termo transcendente, a seu tempo, pode ser compreendido, entre outros aportes teóricos, por uma perspectiva da psicologia humanista. Trata-se de uma

percepção integral da consciência, da relação humana e do comportamento que busca a relação do "eu" com o outro humano, mas também com outras espécies, com a natureza, com o universo, incluindo o microcosmos e o macrocosmos (BRANCO; SILVA, 2017).

Ribeiro (2004) também ressalta a religião como sendo um dos meios pelo qual o ser humano busca compreender o sentido da vida e da sua existência.

(...) [N]ão há nada mais humano que a vivência religiosa. (...) poderíamos dizer que a história da humanidade confunde se com a história das religiões, nas quais já o homem primitivo ia buscar razões para explicação de sua vida. A religião foi sempre um dos grandes instrumentos que dava e continua dando sentido à vida dos homens (p.11).

Religiosidade, por sua vez pode ser definida como o quanto um indivíduo adere, pratica, vivencia uma religião. A religiosidade pode se manifestar de forma organizacional, através da participação de comunidades religiosas ou não organizacional, através da leitura de livros e programas transmitidos nos mais diversos veículos de comunicação (KOENIG et al., 2001).

Valle (2005) compreende religiosidade como uma experiência subjetiva e individualizada do transcendente que precisa ser diferenciada da religião que é sua matriz instituída. “Na religiosidade se dá uma explicitação, uma culminação e uma síntese, só possível porque existe no ser humano uma consciência e um *self* em condições de **dar sentido** ao que percebe em si, nos outros e no mundo.” (VALLE, 2005, p. 93-94, grifo nosso).

É importante destacar que este conceito de religiosidade apresentado por Valle (2005) valoriza o sentido atribuído pela pessoa à experiência vivida, deste modo este conceito dialoga diretamente com o método fenomenológico que segundo Moreira (2002), permite pesquisar sobre os fenômenos humanos, do modo como foram experienciados.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, espiritualidade é o conjunto de todas as emoções e convicções de natureza imaterial, considerando que há mais no viver do que pode ser plenamente compreendido, remetendo a questões como significado e sentido da vida, não estando limitado a qualquer tipo específico de orientação religiosa (WHO, 1998). Ainda podemos compreender espiritualidade, segundo Puchalski et al. (2009), como o aspecto da humanidade que se refere à forma como os indivíduos buscam e expressam significado e propósito e à forma como experimentam esta sua

ligação com o momento, consigo mesmos, com os outros indivíduos, com a natureza e com aquilo que considera significativo ou sagrado.

Valle (2005) afirma que espiritualidade

[é] uma necessidade psicológica constitutiva de todo ser humano, algo tão básico e elementar como a necessidade de desenvolver autoconsciência ou estabelecer relações saudáveis com os demais seres humanos. Consiste essencialmente em uma **busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir**. Acha-se, por isso, unida à motivação profunda que nos faz crer, lutar, amar. Orienta-se para o porquê último da vida, mas sem fugir dos questionamentos e compromisso que a vida nos impõe, ajudando-nos a ter forças para nos comprometermos com eles. (p.104, grifo nosso)

A abordagem existencial fenomenológica preza pelo acolhimento do sujeito nas suas múltiplas dimensões, e por isso foi escolhida para este trabalho. Esta abordagem busca acolher as dimensões biopsicossocial e espiritual e, assim, contribuir para que o sujeito possa elaborar as suas experiências e atribuir sentido a elas (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010).

A vivência da religiosidade e mediunidade

Após diferenciar estes conceitos, podemos afirmar que mais do que a religião, a religiosidade dos entrevistados foi considerada por todos como algo importante para ressignificar a escuta de vozes. Mais do que começar a fazer parte de um sistema organizado de práticas, crenças, símbolos, a vivência de uma experiência subjetiva do transcendente colaborou para esta ressignificação. Deste modo, a vivência da religiosidade e mediunidade também foi identificada como uma unidade de significado.

A percepção mais assim fantástica que eu digo para mim, que eu comecei a acreditar de fato, porque até mesmo a gente desconfia de nós mesmos, foi quando eu senti uma coisa estranha quando eu tava na mesa, foi uma experiência ruim mas foi boa posso dizer, porque eu aprendi muita coisa ali, a ter mais confiança em mim. E também foi ruim porque eu saí mais confuso, sai com medo (...). Mas nada que com o tempo e ali dentro do próprio centro espírita quando eu relatei para eles, eles me ajudaram, me encaminharam para os passes, me encaminharam para o estudo e conforme eu fui estudando foi se esclarecendo as coisas e aquilo foi aliviando, aliviando e até hoje eu tô em sã consciência. (...) [E]u tava sentado na mesa e a coordenadora do trabalho me relatou que era meu anjo da guarda que tava chegando

perto de mim. Eu nunca tinha sentido na minha vida algo assim, foi a sensação mais fenomenal da minha vida e que vou levar para o resto da minha vida. Por que é uma coisa assim emocionante. Tu se colocar assim, te entregar, acreditar naquilo e tu sentir aquilo, (...). Há coisas além do que a gente pode ver. Fez com que eu conseguisse acreditar mais nisso. (Adrian)

Neste trecho da conversa, Adrian conta um dos momentos em que a vivência da religiosidade como experiência subjetiva foi significativa para ele. E que além disso, esta teve um caráter transformador no modo como ele próprio passou a enxergar e acreditar em tais fenômenos. Para ele, esta vivência prática no contexto religioso foi algo marcante e inesquecível, que impactou diretamente na sua crença.

Relativo à vivência da religiosidade, outra unidade de significado que emergiu no relato dos colaboradores deste trabalho foi a mediunidade. O Espiritismo é considerado uma das “religiões mediúnicas” existentes no Brasil, dentre as quais podemos citar ainda a Umbanda, o Candomblé, além das religiões protestantes pentecostais e neopentecostais (ALMINHANA; MENEZES JÚNIOR, 2016).

Segundo Klimo (1998 apud ALMEIDA, 2004), é possível definir mediunidade como uma comunicação originária de uma fonte existente em outra dimensão, de modo que ultrapasse a realidade física conhecida, que não pode ser atribuída a mente consciente do médium.

Rita, durante sua entrevista, contou que não foi apenas começar a frequentar a religião espírita kardecista que lhe auxiliou a lidar com a escuta de vozes e as outras experiências perceptivas que vivenciava. Foi necessário estudar conceitos teóricos da religião e participar sistematicamente do trabalho de mediunidade. Ou seja, mais do que conhecer a religião foi necessário experienciar a religiosidade como algo subjetivo, individual, mas com o suporte de outras pessoas de um grupo que já haviam passado por vivência semelhante para que Rita pudesse ressignificar suas experiências.

(...) O espírito vai dizendo e eu vou escrevendo. Parece que é uma ideia minha, mas dá para identificar que não é minha, porque eu não tenho aquelas informações. E outra também, eu escrevo com a mão esquerda. Uma vez eu quebrei a clavícula e, por conta das provas na escola, eu tive que aprender a escrever com a mão esquerda, mas nunca mais escrevi com a mão esquerda. Mas eu faço psicografia com a mão

esquerda! E a letra fica mais legível do que com a direita. É engraçado isso. (Rita)

Foi através do vivido que Rita encontrou sentido naqueles fenômenos e passou também a acreditar nas explicações fornecidas pelo contexto religioso. Também contou ter vivido experiências que para ela serviram como prova da veracidade daqueles fenômenos, assim como da explicação atribuída a tais fenômenos pela religião espírita kardecista.

Algumas vezes eu tive provas da psicografia. A primeira vez que aconteceu eu recebi uma mensagem de um rapaz de 17 anos, ele escreveu desde a vivência que ele tinha com o pai, até a sua morte, porque pelo o que eu entendi foi uma morte prematura. Ele contava detalhes, e esse menino era filho de um trabalhador de outro centro espírita e ninguém sabia que ele tinha tido esse filho, porque ele já estava com mais idade. Ele escreveu toda essa história e depois ele assinou e o pai disse que era o filho dele e reconheceu a assinatura também. (Rita)

De acordo com a crença religiosa de Rita e dos demais colaboradores deste trabalho, tais fenômenos como o citado acima, assim como a escuta de vozes, são atribuídos à comunicação de espíritos e explicados através da mediunidade. Alguns autores como Almeida (2004), Torres (2016), Zangari (2007), Zangari e Maraldi (2009) tem se dedicado a estudar experiências religiosas ou espirituais de cunho dissociativo, como é o caso da mediunidade.

Segundo Cardeña et al., (2013) as dimensões espirituais e religiosas da cultura estão entre os fatores mais importantes que estruturam a experiência humana, crenças, valores, comportamento e padrões de adoecimento. Apesar disso, por muito tempo, a psicologia em sua prática teve por tendência a ignorar ou considerar patológicas as dimensões religiosas e espirituais da vida (RIBEIRO, 2004).

Mudança de conduta

Outra unidade de significado que emergiu do relato dos colaboradores foi o que chamamos de mudança de conduta. Após a vivência da experiência religiosa, todos relataram alterações na forma como se posicionavam diante dos fatos da vida.

Trazemos abaixo o trecho em que Livia nos conta como, a partir do suporte fornecido pelo contexto religioso, ela conseguiu atribuir um significado a experiência vivida.

Eles me explicaram que eu tinha dado “passagem”, que acontece quando um médium empresta a voz para um espírito falar, é o que chamam de médium de passagem, entende? Na umbanda diz que incorporou.... Ou seja, eu sou médium de passagem e de escutar. Tenho duas mediunidades. Escuto e empresto o corpo para o espírito falar. (...) Porque até então eu só achava que escutava espírito e sentia que ia ter que aprender a conviver com isso da melhor forma para eu não adoecer mais. No momento em que eu dei passagem, a minha vida mudou. (Livia)

Quando ela se referiu particularmente a uma mudança de vida, Livia contou uma mudança de conduta. Ao longo da entrevista, contou que antes não expressava seus desejos, suas vontades, que fazia tudo em sua vida para agradar as outras pessoas, amigos, familiares e acabava se anulando. Antes, embora não estivesse satisfeita com determinadas circunstâncias da vida, ela não falava. Mas a partir do momento que vivenciou esta experiência religiosa, Livia disse que tenta não guardar tanto seus sentimentos e busca de expressar mais.

O material subjetivo que emerge da experiência religiosa pode reverberar no comportamento da pessoa, levando a novos posicionamentos assim como aconteceu com Livia. Assim nos fala Maciel (2004) quando afirma que

[o]s conteúdos religiosos presentes ao psiquismo humano são também dinâmicos, uma vez que, potencializados, funcionam como mobilizadores do que é o motor principal do processo de crescimento (...) em qualquer psicoterapia: a capacidade humana de resistir à despersonalização e de criar posicionando-se. (...). Enfim, (...) os conteúdos religiosos presentes à consciência do homem são reguladores de sua linguagem e provocativos, em relação ao todo de seu comportamento. (p.143)

Deste modo, abordar a dimensão explicitamente religiosa da pessoa, de forma ética e cautelosa pode se tornar uma possibilidade enriquecedora ao trabalho do profissional da psicologia, visto que tal dimensão é uma fonte de material psíquico potente. Mas é importante lembrar que, por sua natureza transcendente e pelos valores que veicula, este tipo de experiência precisa ser acessada de forma cuidadosa. Um caminho interessante se apresenta através de uma abordagem fenomenológica, que preza pela descrição do vivido (MACIEL, 2004).

Valentina também fala de uma mudança de vida quando questionei se ela considerava que algo havia mudado em sua vida desde que começou a frequentar o contexto religioso espírita.

O sentimento que eu tinha com relação a Deus não mudou. Este aumentou, não diminuiu coisa nenhuma, aumentou né, mas mudou muita coisa na minha vida. Mudou muito a minha forma de ser, mudou muito minha forma de entender as pessoas (...). Nesse sentido de ser um ser humano melhor, mudou muito. É como se fosse assim 180 (graus - fez gesto com a mão). (Valentina)

Na continuidade da conversa, ao relatar fatos de sua experiência religiosa e a forma como compreende e sente Deus em sua vida, Valentina chegou a se emocionar. Para ela, Deus não é uma possibilidade, é uma certeza. Segundo Ribeiro (2004, p.15) “não há como falar de religião, de espiritualidade, do sagrado sem que a ideia de Deus permeie, a priori e a posteriori, esses conceitos, que são matizes do divino presentes na humanidade e no humano.” Este mesmo autor ressalta que o psicólogo não precisa acreditar em Deus, mas inevitavelmente terá que lidar com um Deus que existe na humanidade, e se expressa nas atitudes de fé, amor e esperança, ou ainda de medo, temor ou angústia.

Giovanetti (1999) nos apresenta uma distinção entre a experiência religiosa e a experiência de Deus. Para este autor, a experiência religiosa está relacionada àquilo que proporciona sentimentos e emoções “e provoca uma ligação mais do nível da ressonância interna do contato que se depreende da relação com algo diferente.” (Ibid., p.93). Já a experiência de Deus leva a um significado de existência, “uma presença que nos envolve de maneira absoluta e onipresente” (Ibid., p.94), conforme foi expresso por Valentina em seu relato. Para ela, a experiência religiosa potencializou a experiência de Deus, algo que verbalizou ser significativo para ela desde a infância.

CAPÍTULO III – Caminhos para ressignificar a escuta de vozes

As situações que vivenciamos não apresentam um significado em si. O significado é algo construído de acordo com o contexto em que estamos inseridos, as pessoas com quem nos relacionamos e nossa forma de existir (FORGHIERI,2002). Deste modo, são incontáveis as possibilidades de significados que podem ser atribuídos

a uma mesma experiência, sendo a significação e ressignificação algo dinâmico, não estático. Nesta pesquisa cruzamos com dois cenários que podem contribuir para a atribuição de novos significados a escuta de vozes: o contexto religioso, conforme trazido pelos entrevistados, e o movimento de ouvidores de vozes.

Durante a pesquisa bibliográfica realizada para este trabalho foi encontrado um trabalho de conclusão, também de uma acadêmica de Psicologia, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que buscou refletir sobre os grupos de ouvidores de vozes na Europa e no Brasil (GOULART, 2018). Ao visitar a pesquisa de Goulart (2018) foi possível observar diversas aproximações ou pontos comuns entre os grupos de ouvidores de vozes e o contexto religioso de Rita, Lívia, Valentina e Adrian. Os aspectos levantados indicam semelhanças entre os suportes fornecidos por ambos os grupos. Por este motivo, consideramos importante trazer, de forma breve, como se constituiu o que hoje conhecemos por “movimento de ouvidores de vozes”. Em seguida apresentamos tais aproximações entre este movimento e o contexto religioso dos colaboradores deste trabalho, além de um ponto divergente e característico do âmbito da vivência religiosa que perpassa todas as entrevistas: a atribuição de um sentido último à experiência de escutar vozes.

Movimentos dos ouvidores de vozes

Segundo Romme e Escher (1989), o primeiro movimento de ouvidores de vozes teve início na Holanda na década de 80, mais precisamente em 1987. Uma mulher chamada Patsy Hage, na época, contava com 30 anos e estava sendo acompanhada pelo psiquiatra Marius Romme. Embora Patsy fizesse uso de diversas medicações, escutava vozes de forma ininterrupta e em decorrência do sofrimento causado pelas vozes chegou a pensar em suicídio diversas vezes.

Entretanto, Patsy modificou sua postura após ler um livro que defendia a escuta de vozes como algo comum à espécie humana em meados de 2000 a.C. Ela passou a questionar a conduta de Romme que, até o momento, considerava apenas o aspecto sintomático das vozes que ouvia. O psiquiatra, desafiado por ela, reviu seu posicionamento e começaram juntos a pensar em novas estratégias para que ela pudesse conviver com as vozes. Resolveram buscar outras pessoas que também as escutavam que conseguiam lidar com esta experiência, inclusive pessoas sem qualquer diagnóstico (BARROS; SERPA JÚNIOR, 2014).

Através da divulgação em um programa televisivo, encontraram cerca de 150 pessoas que se diziam capazes de conviver com a escuta de vozes e, juntamente com parte destas pessoas, organizaram o primeiro congresso de ouvidores de vozes. Neste congresso teve origem o Movimento dos ouvidores de vozes e, no mesmo ano, teve início a *Intervoice (The International Network for Training, Education and Research into Hearing voices)*, uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que busca articular e apoiar os diferentes grupos de ouvidores. O movimento tomou proporções internacionais e já conta com mais de 180 grupos atuantes na Europa, além de estar presente em outros países como Estados Unidos, Grécia, Palestina, Japão, Brasil, entre outros (SMITH, 2007; GOULART, 2018). No Brasil, dentre as cidades que contam com um grupo de ouvidores de vozes, podemos citar a cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul.

A *Intervoice* conta com algumas premissas que norteiam a conduta esperada nos grupos de ouvidores de vozes. Refletindo sobre estas premissas, traçamos alguns paralelos com estratégias e significações desenvolvidas pelos colaboradores desta pesquisa, em seu contexto religioso. Lembremos que tais estratégias e significações haviam sido identificadas como unidades de significado.

Ouvir vozes como expressão da subjetividade e sua legitimação

Nos grupos de ouvidores de vozes, semelhante ao contexto religioso dos colaboradores deste estudo, a experiência de ouvir vozes é vista como uma expressão da subjetividade humana e não como sintoma de uma doença (que habitualmente exclui e estigmatiza) (GOULART, 2018).

Segundo Smith (2007) e Goulart (2018), ao ingressar em um grupo de ouvidores de vozes a pessoa que, geralmente, vivenciava uma experiência solitária, passa a poder contar com aceitação por parte de um grupo. Além disso, a partir deste convívio, é possível encontrar pessoas que vivenciam aquela experiência e que aceitam as vozes como reais, o que pode trazer consolo, conforto e proporcionar o compartilhamento de estratégias.

Kantorski et al. (2018b) nos fala ainda que negar, ignorar ou simplesmente tentar distrair as vozes são estratégias consideradas pouco eficazes pelo movimento de ouvidores de vozes. Deste modo, um dos primeiros passos para estabelecer maneiras positivas de lidar com as experiências auditivas, é aceitar as vozes como reais. Foi

possível notar, na narrativa dos colaboradores desta pesquisa, como foi confortador encontrar um grupo em que a escuta de vozes podia ser acolhida por pessoas que vivenciavam experiências semelhantes às que eles viviam. Como nos fala Valentina

Foi uma tranquilidade, vamos dizer assim. Algo que veio me dar certeza absoluta daquilo que eu tava sentindo. Porque é como se ninguém me entendesse e a partir daquele momento eu comecei a ver que muito mais gente ia poder me entender, tu entendeu?! (Valentina)

Neste trecho da entrevista, Valentina expressa como foi tranquilizador encontrar pessoas que legitimaram sua experiência. Além de favorecer que ela acreditasse em suas percepções, passar a integrar um grupo que aceitou as vozes que ela ouvia como reais, fez com que se sentisse compreendida ali naquele contexto.

Os grupos de ouvidores de vozes adotam posturas apresentadas por Goulart (2018), que muito se assemelham ao posicionamento no contexto religioso pesquisado. Um dos primeiros posicionamentos em comum é demonstrar interesse no ouvidor e no que ele tem a dizer. Além disso, normalizar a experiência, apresentar possíveis formas de lidar com a escuta de vozes e dar esperança ao ouvidor também são atitudes importantes, encontradas em ambos os contextos.

Adrian descreveu como foi encontrar pessoas que compartilhavam daquela experiência. Ele contou também como estas pessoas o auxiliaram a compreender melhor os fenômenos que vivenciava.

Conhecer outras pessoas que também vivenciavam esta situação foi muito confortador, no sentido de saber que tu não está sozinho entende, que tem outro alguém que também sente isso. (...) E eu já comecei a dar uma respirada. A pensar assim: 'não, não é só eu que tenho isso'. Aí você não se sente tão sozinho no meio do escuro. Aí você já começa a enxergar uma luz, um esclarecimento, entende?! O esclarecimento ajuda bastante. (...). Comecei a ver que aquilo não era nada anormal. (Adrian)

Para Adrian, perceber que não estava sozinho e ter a certeza de que naquele contexto esta experiência não era tida como algo incomum lhe causou alívio. Partindo da psicologia fenomenológica na análise da existência humana, Forghieri (2002) afirma que

[o]s seres humanos, embora tenham suas próprias peculiaridades, existem todos no mundo, constituindo-o e constituindo-se, simultaneamente. Possuímos, de certo modo, uma 'comunalidade', pois todos nós vivemos no mundo e existimos uns com os outros, com a capacidade de nos aproximarmos e de compreendermos mutuamente as nossas vivências. (p.19)

Deste modo, não atribuímos sentido ao mundo através de vivências solitárias, mas através do compartilhamento “entre a pluralidade de constituições dos vários sujeitos existentes no mundo, realizado através do encontro que se estabelece entre eles” (FORGHIERI, 2002, p.19). Um dos caminhos traçados por Adrian e pelos demais colaboradores deste trabalho, para atribuir sentido a experiência de escutar vozes, foi o encontro com pessoas para as quais essa escuta era vista como algo comum, e também o compartilhamento da experiência com estas pessoas. Assim, além de passar a contar com ajuda mútua, este grupo se tornou para eles um importante espaço de convivência, o qual frequentam semanalmente.

Implicação do ouvidor

Diante da experiência de escutar vozes, outro aspecto importante que foi narrado nas entrevistas, relativo ao espiritismo, e que também é compartilhado entre grupos de ouvidores é a implicação do ouvidor. Esta implicação pode ser compreendida como posicionamentos que exigem do ouvidor uma postura ativa no processo de atribuir novos significados a escuta de vozes.

Segundo Goulart (2018), os grupos, além de incentivar que a pessoa tente modificar a relação de poder que mantém com as vozes, assumindo o controle da situação, fomentam a autonomia e o protagonismo. Para isso, é necessário realizar um trabalho investigativo sobre as vozes, trabalho este que ocorre de forma colaborativa com outros membros do grupo. Busca-se criar condições para que a pessoa que escuta vozes possa se apropriar de suas experiências auditivas e assim resignificá-las.

Ao longo do discurso dos colaboradores deste trabalho, emergiram relatos que nos levaram a entender que esta mesma implicação por parte do ouvidor, no processo de resignificação da escuta de vozes, também é fomentada no contexto religioso do qual fazem parte, como o relatado por Lívia:

A gente vai administrando bem, mas não é fácil. É todo dia você trabalhando com ti mesmo, porque são emoções, são energias diferentes, entende? E tu tem que estar sempre te equilibrando (...).

Dizem que o monstro está sempre ali né? Esperando. Mas aí eu tenho que dominar, porque é um trabalho de todos os dias. (...) hoje elas (as vozes) falam quando eu deixo. Eu não dou mais a mesma importância que eu dava, porque eles sempre me disseram no centro que eu sou a dona do meu corpo, entende? É como agora, se um espírito quiser falar contigo, eu não vou deixar. Eu não posso deixar. Eu sou dona do meu corpo e da minha cabeça. Hoje eu sei disso. (Lívia).

Este trecho da entrevista de Lívia ilustra alguns pontos interessantes. Ela ressalta que a experiência de escutar vozes não é algo fácil de ser administrado. Além disso, fala que hoje consegue manter o controle da situação, mas que é necessário um esforço diário para manter o equilíbrio diante das manifestações auditivas. Antes de encontrar um contexto religioso que a auxiliasse a conviver com as vozes, Lívia não conseguia determinar um limite para o contato, de modo que as escutava a todo momento. Atualmente, afirma que as vozes falam quando ela deixa, pois tem consciência de que é ela quem comanda seu corpo e sua mente, e não as vozes.

Estabelecer um limite para realizar o contato com as vozes, é uma estratégia sugerida em grupos de ouvidores para auxiliar a administrar esta experiência. A pessoa pode estabelecer determinados dias e horários para conversar com as vozes, e fora destes períodos deve se negar a traçar um diálogo com elas. Esta é uma forma de desenvolver um equilíbrio, considerando a existência das vozes, mas estabelecendo um controle (GOULART, 2018).

Esta artimanha também foi narrada pelos colaboradores deste trabalho, como uma das estratégias sugerida pelo contexto religioso de que fazem parte, para lidarem com as vozes (ou com a comunicação dos espíritos - interpretação atribuída às vozes por sua religião). Todos relataram haver um dia e horário, fixos na semana, em que frequentam o centro espírita para estabelecer o contato com as vozes, através da atividade que, neste cenário religioso, é denominada mediunidade. Fora deste dia e horário, o contato com as vozes pode acontecer, mas não é incentivado pois, segundo a visão desta religião, o ideal é estabelecer este contato estando em grupo, para que os ouvintes possam auxiliar uns aos outros na condução da experiência e em local pertinente, considerado espiritualmente protegido.

Fim útil atribuído a experiência

Após apresentar algumas aproximações entre os grupos de ouvintes de vozes e o contexto religioso de Rita, Lívia, Valentina e Adrian, trazemos um ponto divergente e característico apenas do contexto que perpassa todas as entrevistas: a atribuição de um fim útil a experiência de escutar vozes. Através dos relatos, foi possível compreender que, através da vivência da religiosidade, os quatro colaboradores deste trabalho encontraram um caminho para atribuir propósito a esta experiência. Rita nos fala do seu entendimento

[S]e foi para mim, é porque alguma coisa eu tenho que aprender ou resgatar ou expiar, (...).Então, a mediunidade para mim tem essa validade, nesse sentido, que ela veio para me mostrar ou para ajudar a mim e aos outros, mas principalmente a mim, para me comprovar (...) que a morte não é aquilo ali. (...). [A] maior produtividade para mim é o que eles⁴ dizem, e o que eles demonstram da existência, da sobrevivência do espírito, que é um dos objetivos do espiritismo. E a consolação né, tu saber que as pessoas são socorridas, apesar das dificuldades, que não existe aquela coisa de que tu és ruim e vais sofrer o resto da tua vida, o resto da eternidade!!(Rita)

Nas palavras de Rita, trata-se de um trabalho de caridade mútua, pois ela empresta o corpo para as vozes (ou espíritos, segundo seu entendimento religioso) falarem e através do conteúdo ali manifesto, recebe ensinamentos considerados por ela como preciosos. Diz ter a chance de repensar suas atitudes e condutas, com base naquilo que escuta neste trabalho de comunicação com as vozes. O tema trazido por Rita remete a questões teológicas, como a fé, o sentido da vida e a existência para além da concretude e da morte. Sobre o sentido da vida, os trabalhos do psiquiatra austríaco Viktor Frankl são emblemáticos. O criador da logoterapia, que dialoga com as teorias humanistas, fala da busca de sentido como algo iminentemente humano e característico da dimensão espiritual (noética) do ser.

Segundo Frankl (2016), o ser humano tem a possibilidade de encontrar um sentido para suas experiências de vida através de três caminhos: primeiramente através

⁴Neste trecho da entrevista, ao falar “eles” Rita se remete aos espíritos, que de acordo com seu contexto religioso são os responsáveis pelas vozes.

de uma ação que pratica ou de uma obra que cria; em segundo lugar, vivenciando algo ou encontrando alguém, ou seja, através do trabalho e do amor; além de um terceiro caminho:

sempre que estivermos diante de uma situação que não podemos modificar, existe ainda a possibilidade de mudar nossa atitude diante da situação, de mudar a nós mesmo, amadurecendo, crescendo além de nós (FRANKL, 2016, p.103).

Este terceiro caminho para atribuir sentido à experiência, que remete ao transcendente, foi narrado por Adrian em relação a sua vivência de escutar vozes, conforme o trecho abaixo:

Isso é uma coisa que é minha, eu nasci com isso e eu vou morrer com isso. Agora eu tenho dois caminhos para seguir, ou eu sigo ouvindo e me perturbando, ou eu sigo por um caminho melhor e sigo ouvindo aqueles que querem o meu bem, entende?! (Adrian).

Adrian evidencia como mudou a sua atitude diante de uma situação que considerava imutável. Relata que aos poucos foi recebendo informações no contexto religioso que serviram para ele como esclarecimentos e o auxiliaram a confiar mais em si mesmo para conseguir lidar com as vozes. Nas palavras de Adrian, embora no início tenha sido difícil, estas experiências o ajudaram a amadurecer.

Outro autor que traz a importância da dimensão de espiritualidade na vida dos seres humanos é Teixeira (2005) quando nos diz que

(...) [o] essencial compromisso com os outros, com a sua causa, ganha profundidade e riqueza quando vem acompanhado pelo exercício da vida espiritual. O amor pelo outro se enriquece quando alimentado pela experiência da gratuidade do Mistério que nos acompanha em toda a vida. A gratuidade é, antes de tudo, um clima essencial que deve animar e banhar toda a busca e ação libertadoras (p.29).

Para Valentina, mesmo que em algumas situações, a curto prazo, não possa compreender o objetivo, acredita que há um fim útil para as vozes se comunicarem e que isso está associado a um compromisso com o outro. Para ela, o sentido em ouvir as vozes está em auxiliar alguém que está precisando. Acredita que escutar vozes faz parte de seu propósito de vida, o que ela considera como sendo sua missão.

[H]oje eu percebo que tanto na casa espírita, quanto na rua é por alguém que está precisando. Não é assim só para se mostrar. Sempre é por

alguém que está necessitado. Tem um objetivo aquilo. Não é assim só por ser, tem um objetivo que talvez eu não compreenda, mas tem. (...). Eu acho que é uma missão, não sei bem porquê, talvez eu tenha uma responsabilidade muito grande com esta cidade, com o povo que veio morar nesta cidade né, talvez seja por aí, né. (Valentina).

Este trecho do relato de Valentina, em especial, assim como falas de Rita e Lívia ilustram a questão da caridade como um dos pilares da religião espírita. E isso repercute no sentido pessoal, na realização das pessoas, como relata Gaspar (2013) em sua pesquisa sobre a experiência do voluntariado em uma instituição espírita. Este movimento de saída de si, para doar-se a um outro, proporcionado pelo trabalho voluntário e impulsionado pela experiência religiosa, convida à transformação e contribui para o encontro de uma finalidade e utilidade concreta, para além do sentido último.

Do ponto de vista da filosofia, Critelli (2012) aponta como é importante para nós, humanos, atribuir sentido aos fatos e vivências, de modo a estabelecer uma conexão entre estes.

O ser humano não foi feito para lidar com os fatos da vida de forma fragmentada e aleatória. Os fatos precisam ser costurados com um fio de sentido que lhes dê alguma razoabilidade para serem compreendidos. Só depois de compreendê-los podemos definir nossas ações e tocar a vida. Sem um contexto de sentido em que os fatos da vida se reúnam significativamente, o ser humano perde a noção de realidade. Juntamente com ela, perde a noção de si mesmo e de sua humanidade. (p.31).

Assim, podemos dizer que vivência da religiosidade foi o “fio de sentido” utilizado por Rita, Lívia, Valentina e Adrian para “costurar” a experiência de escutar vozes. Mas os caminhos para ressignificar as experiências são tão diversos como pode ser o existir humano. Apenas apresentamos os caminhos traçados por quatro pessoas, que desencadearam as reflexões teóricas aqui apresentadas. Deste modo, este trabalho não tem por intuito determinar condutas para atribuir novos significados à experiência de ouvir vozes, e sim ilustrar alguns possíveis caminhos de convivência e cuidado com esta manifestação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nasceu de uma inquietação pessoal sobre a possibilidade de ressignificação da escuta de vozes a partir da vivência da religiosidade. Não temos, de modo algum, a pretensão de fornecer enunciações definitivas sobre este assunto tão amplo, mas tivemos o intuito de contribuir para fomentar reflexões a respeito destas duas temáticas: escuta de vozes e religiosidade. Elas fazem parte das incontáveis manifestações do existir e ainda são pouco abordadas dentro da psicologia, fora de campos específicos, apesar de existir extensa bibliografia na área. A receptividade de Rita, Lívia, Valentina e Adrian para participar deste trabalho nos revelou a disposição destas pessoas em narrar tais vivências e foi gratificante sentir que, para eles, foi significativo compartilhá-las.

É essencial entender a escuta de vozes como uma experiência humana, que se apresenta como um fenômeno diverso e único para cada pessoa que o vivencia, de modo a não caracterizar esta escuta como algo patológico. A vivência da religiosidade apresenta-se apenas como um dos inúmeros caminhos possíveis para atribuição de significado a esta experiência. Vale lembrar que não foi apenas a inserção em um contexto religioso, que legitimasse a escuta de vozes, o que contribuiu para que os entrevistados atribuíssem novos significados a esta escuta. Foi necessário a vivência da religiosidade como algo prático, inserido na coletividade e de modo a constituir espaços de mútua ajuda.

Os colaboradores desta pesquisa relataram terem aprendido, no contexto religioso, estratégias para lidar com a escuta de vozes. A realização de preces, a avaliação do conteúdo manifesto pelas vozes e o cultivo de pensamentos positivos são algumas das estratégias citadas. Além disso, dispor de um momento na semana em que o contato com as vozes seja permitido, incentivado e compartilhado com o grupo do contexto religioso, também pode ser considerada uma atitude comum entre os nossos entrevistados.

Podemos dizer que antes de encontrarem pessoas que os auxiliaram a dar sentido a experiência de escutar vozes, um sentimento predominante era o medo. Mas encontrar um contexto onde esta escuta foi aceita, compreendida, podendo ser vivida e sendo até mesmo valorizada, atribuiu a esta experiência o sentimento de propósito.

Durante a pesquisa bibliográfica deste trabalho, foram encontrados outros estudos, em língua estrangeira, que utilizam metodologias diferentes para

compreender a atribuição de sentidos na experiência de escutar vozes no âmbito da religiosidade ou a espiritualidade, como exemplo podemos citar McCarthy-Jones et al. (2013) e Cottam et al. (2011). Entretanto, por limitação de tempo, e pelo foco deste trabalho não nos aprofundamos em tais estudos, mas consideramos válido retomar os mesmos em pesquisas futuras. O presente trabalho consistiu em uma pesquisa qualitativa, cujo foco de interesse se voltou para os significados e sentidos atribuídos pelos participantes à experiência vivida, de modo a se aproximar de sua subjetividade, e assim conhecer suas visões de mundo.

Auxiliar os colaboradores a acessarem e descreverem suas experiências foi algo desafiador visto que, na sociedade contemporânea, não somos incentivados a narrar os fenômenos. Essa dificuldade é constantemente problematizada pela própria abordagem fenomenológica, que inclusive, foi uma proposta desafiadora para uma pesquisadora iniciante. Em especial, foi possível sentir o quão laborioso pode ser tentar descrever uma vivência pouco compartilhada, como é a escuta de vozes, assim como a experiência religiosa. Já nos dizia Prado (1999, p.19) que “[a] experiência religiosa no cotidiano é sempre paradoxal, assim como a experiência mística, porque é uma tentativa de falar do inefável, daquilo que não pode ser dito e que não tem palavras”. E talvez, exatamente por isso, ao longo dos relatos, uma pergunta foi repetida pelos colaboradores incontáveis vezes: “Entende?” Em uma reiterada tentativa de verificar se a sua narrativa estava sendo capaz de comunicar o que havia sido vivido, em toda sua complexidade.

Essa pergunta era um convite constantemente feito por todos eles em diferentes momentos da entrevista soando como um apelo, convocando a pesquisadora a adentrar esse universo e fazer todo o possível para entender algo que não está na sua bagagem experiencial. O que é isso senão o esforço de todo psicólogo clínico? Ser entendido por um outro é algo que tem, em si, uma potência terapêutica. A presente pesquisa foi desenvolvida em paralelo a realização de um ano de estágio em intervenção clínica na abordagem existencial fenomenológica revelando grande aproximação entre a investigação do vivido que se faz nesse âmbito e a conduta nas entrevistas reflexivas e suas análises. Deste modo, o convite realizado pela fenomenologia a sairmos da “atitude natural” ou retomarmos um “olhar ingênuo” aos fenômenos, para assim apreendermos a essência das vivências, foi um intenso aprendizado, ainda (e talvez sempre) em construção, que consideramos imprescindível para a prática clínica, assim como para a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M.; NETO, F. L. Diretrizes metodológicas para investigar estados alterados de consciência e experiências anômalas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.30, n.1, pp.21-28. 2003.

ALMEIDA, A. M. **Fenomenologia das Experiências Mediúnicas, Perfil e Psicopatologia de Médiuns Espíritas** [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2004. 205p.

ALMINHANA, L. O.; MENEZES JÚNIOR, A.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Personalidade, religiosidade e qualidade de vida em indivíduos que apresentam experiências anômalas em grupos religiosos. **Jornal Brasileira de Psiquiatria**, v. 62, n. 4, p. 268-274. 2013

ALMINHANA, L. O.; MENEZES JÚNIOR, A. Experiências Religiosas/Espirituais: dissociação saudável ou patológica? *Horizonte*, v. 14, n. 41, p. 122-143, 2016.

ALMINHANA, L. O.; TATTON-RAMOS, T. P. Modelos de personalidade e a diferenciação entre experiências anômalas saudáveis e patológicas em contexto religioso. **Revista de Estudos da Religião**, v.17, n. 2, 2017.

ALMINHANA, L. O. A personalidade como critério diferencial entre experiências religiosas/espirituais e transtornos mentais. In: SILVA, L. M.; MORAES, M. L. A. **Psicologia e Espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 37-60.

ALVARADO, C. S. Experiências fora do corpo. In: CARDEÑA, E.; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. **Variedades da experiência anômala: análise de evidências científicas**. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 139-165.

AMATUZZI, M. M. O desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica. **Revista de Estudos de Psicologia PUC-Campinas**, v. 17, n. 1, p. 15-30, 2000.

AMATUZZI, M. M. Religião e sentido de vida: um estudo teórico. **Temas em Psicologia**, v. 7, n.2, p. 183-190, 1999.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5. ed. (DSM-5). Porto Alegre: Artmed, 2014. 948p.

ANCONA-LOPEZ, M. Psicologia e religião: recursos para construção do conhecimento. **Estudos de Psicologia**, Campinas, vol.19, n.2, p.78-85, 2002.

ANCONA-LOPEZ, M. Religião e psicologia clínica: quatro atitudes básicas. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Orgs.). **Diante do mistério - Psicologia e senso religioso**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 71-86.

ANDRADE, R. C. S. **Um estudo fenomenológico sobre o sentido do plantão Psicoeducativo**. 2013. 132 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/16084/1/Renata%20Capeli%20Silva%20Andrade.pdf>> Acesso em: jun de 2019.

ANTONACCI, M. H., MINELLI, M. O enfrentamento das vozes: a experiência de uma região central da Itália. **Journal of Nursing and Health**, v. 8, (n.esp.):e188408, 2018.

AUGRAS, M. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. Petrópolis: Vozes. 1986. 96p.

BARROS, O. C.; SERPA JÚNIOR, O. D. de. Ouvir vozes: um estudo netnográfico de ambientes virtuais para ajuda mútua. **Physqis**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 867-888, 2017.

BARROS, O. C.; SERPA JÚNIOR, O. D. de. Ouvir vozes: um estudo sobre a troca de experiências em ambiente virtual. **Interface – comunicação, saúde e educação**, Botucatu, v. 18, n. 50, p. 557- 569, 2014.

BARROS, O. C.; MELCA, F. M. A.; SERPA JUNIOR, O. D. Redes e mídias sociais: o potencial multiplicador para a ajuda mútua de ouvidores de vozes. **Journal of Nursing and Health**, v. 8(n.esp.):e188418, 2018.

BORRNA, E. Prefácio. In: FERLA, M. T. **O homem da morte impossível e outras histórias: psicopatologia fenomenológica**. Belo Horizonte: Artesã, 2011.

BRANCO, P. C. C.; SILVA, L. X. B. Psicologia humanista de Abraham Maslow: recepção e circulação no Brasil. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 23, n. 2, p. 189-199, 2017.

BRASIL. Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. **Diário Oficial da União**. Publicada no DOU nº 12, 13 junho 2013, Seção 1, p. 59.

CARDEÑA, E.; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. **Variedades da experiência anômala: análise de evidências científicas**. São Paulo: Atheneu, 2013. 361p.

CLÉMENT, C.; KAKAR, S. **A Louca e o Santo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997. 272p.

CONNOR, C.; BIRCHWOOD, M. Power and Perceived Expressed Emotion of Voices: Their Impact on Depression and Suicidal Thinking in Those Who Hear Voices. **Clinical Psychology and Psychotherapy**, v. 20, n. 3, p. 199–205, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **XII Seminário Internacional de Psicologia & Senso Religioso**. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/?evento=xii-seminario-internacional-de-psicologia-senso-religioso>> Acesso em: 17 de junho de 2019.

COUTO, M. L. O.; KANTORSKI, L. P. Ouvidores de vozes: uma revisão sobre o sentido e a relação com as vozes. **Psicologia USP**, v. 29, n. 3, p. 418-431, 2018.

COTTAM, S.; PAUL, S. N.; DOUGHTY, O. J.; CARPENTER, L.; AL-MOUSAWI, A.; KARVOUNIS, S.; DONE, D. J. Does religious belief enable positive interpretation of auditory hallucinations? A comparison of religious voice hearers with and without

psychosis, **Cognitive Neuropsychiatry**, v. 16, n. 5, p. 403-421, 2011. DOI: 10.1080/13546805.2010.548543.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 140p.

CRITELLI, D. M. **História pessoal e sentido da vida: historiobiografia**. São Paulo: EDUC, 2012. 104 p.

FERNANDES, H. C. D. ; ZANELLO, V. Para além da alucinação auditiva como sintoma psiquiátrico. **Journal of Nursing and Health**, v. 8, (n.esp.): :e188414, 2018.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2002. 81p.

FOUCAULT, M. **A História da Loucura na Idade Clássica**, 9.ed., São Paulo: Perspectiva. 2013. 560 p.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**, 17.ed., São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes. 2016. p.103.

GASPAR, Y. E. **Ser voluntário, ser realizado: investigação fenomenológica numa instituição espírita**. Franca, SP: Unifran, 2013. 222 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 6. ed., São Paulo: Atlas, 2008. p. 14-15.

GIOVANETTI, J. P. O sagrado e a experiência religiosa na Psicoterapia. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Orgs.). **Diante do mistério - Psicologia e senso religioso**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 87-96.

GOULART, M. A. **Movimento dos ouvidores de vozes: da Europa ao Brasil**. 2018. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/183305>> Acesso em: mai. 2019

HANDCOCK, M. S.; GILE, K. J. Comment: on the concept of snowball sampling. **Sociological Methodology**, v. 41, n. 1, p. 367-371, 2011.

KANTORSKI, L. P.; ANTONACCI, M. H.; ANDRADE, A. P. M.; CARDANO, M.; MINELLI, M. Grupos de ouvidores de vozes: estratégias e enfrentamentos. **Saúde Debate**, v. 41, n. 115, p. 1143-1155, 2017.

KANTORSKI, L. P.; MACHADO, R. A.; ALVES, P. F.; PINHEIRO, G. E. W.; BORGES, L. R. Ouvidores de vozes: características e relações com as vozes. **Journal of Nursing and Health**, v. 8(n.esp.):e188430, 2018a.

KANTORSKI, L. P.; SOUZA, T. T.; FARIAS, T. A.; DOS SANTOS, L. H.; COUTO, M. L. O. Ouvidores de vozes: relações com as vozes e estratégias de enfrentamento. **Journal of Nursing and Health**, v. 8, (n.esp.):e188422, 2018b.

KLIMO, J. – **Channeling: investigations on receiving information from paranormal sources**. Berkeley: North Atlantic Books, 1998. (apud ALMEIDA, 2004).

KOENIG, H. G.; MCCULLOUGH, M.; LARSON, D. B. **Handbook of religion and health: a century of research reviewed**. New York: Oxford University Press; 2001.

LUCCHETTI, G., DE OLIVEIRA, R. F., GONÇALVES, J. P. DE B., UEDA, S. M. Y., MIMICA, L. M. J.; LUCCHETTI, A. L. G. Effect of Spiritist “passe” (Spiritual healing) on growth of bacterial cultures. **Complementary Therapies in Medicine**, v. 2, n. 6, p. 627–632, 2013.

LUCZINSKI, G. F.; ANCONA-LOPEZ, M. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 75 - 82, 2010.

LUCZINSKI, G. F. **O psicólogo clínico e a religiosidade do cliente: impactos na relação terapêutica**. 2005. 190f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15001>. Acesso em: Dez. 2018.

MACIEL, J. C. O indisponível e a psicologia: a dimensão espiritual no pensamento de Viktor Frankl. In: HOLANDA, A. F. (org.). **Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia**. Campinas: Alínea, 2004. p. 125-145.

MAHFOUD, M. **Folia de Reis: festa raiz ou experiência religiosa em comunidades da Estação Ecológica Juréia-Itatins na perspectiva da psicologia social fenomenológica**. 1996. 242 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. Senso religioso: dinamismo da experiência, desafio para a psicologia. In: _____ (Orgs.). **Diante do mistério - Psicologia e senso religioso**. São Paulo: Loyola, 1999. p.11-13.

MCCARTHY-JONES, S.; WAEGELIC, A.; WATKINSD, J. Spirituality and hearing voices: considering the relation. **(Psychosis) Psychological, Social and Integrative Approaches**, v. 5, n. 3, p. 247–258, 2013. DOI: 10.1080/17522439.2013.831945.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662p.

MESSAS, G. O sentido da fenomenologia na Psicopatologia Geral de Karl Jaspers. **Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, v. 3, n.1, p. 23-47, 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed., São Paulo: Hucitec, p.191, 2013.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MÜLLER, M. R.; GUIMARÃES, S. S. Impacto dos transtornos do sono sobre o funcionamento diário e a qualidade de vida. **Estudos de Psicologia**, v. 24, n. 4, p. 519-528, 2007.

MUÑOZ, N. M.; SERPA JR, O. D.; LEAL, E. M.; DAHL, C. M.; OLIVEIRA, I. C. Pesquisa clínica em saúde mental: o ponto de vista dos usuários sobre a experiência de ouvir vozes. **Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 1, p. 83-89, 2011.

NASAR, S. **Uma mente brilhante**. Rio de Janeiro: Record. 2003. 585p.

NUEVO, R.; CHATTERJI, S.; VERDES, E.; NAIDOO, N.; ARANGO, C. ; AYUSO-MATEOS, J. L. The Continuum of Psychotic Symptoms in the General Population: A Cross-national. Study. **Schizophrenia Bulletin** v. 38, n. 3, p. 475–485, 2012.

PAIVA, G. J. O grupo de trabalho psicologia e religião: histórico, realizações e perspectivas. **Temas em Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 205 - 210, 2000.

PEKALA, R. J.; CARDEÑA, E. Questões metodológicas no estudo dos estados alterados de consciência e das experiências anômalas. In: CARDEÑA, E.; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. **Variedades da experiência anômala: análise de evidências científicas**. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 35-60.

PUCHALSKI, C.; FERRELL, B.; VIRANI, R.; OTIS-GREEN, S.; BAIRD, P. Improving the Quality of Spiritual Care as a Dimension of Palliative Care: The Report of the Consensus Conference. **Journal of Palliative Medicine**, v. 12, n.10, p. 885-904, 2009.

REICHOW, J. R. C. **Estudo de experiências anômalas em Médiuns e não Médiuns: prevalência, relevância, diagnóstico diferencial de transtornos mentais e relação com qualidade de vida**. 2017. 568 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RIBEIRO, J. C. Religião e Psicologia. In: HOLANDA, A. F. (org.). **Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia**. Campinas: Alínea, 2004. p. 11-36.

RITSHER, J. B.; LUCKSTED, A.; OTILINGAM, P. G.; GRAJALES, M. Hearing voices: explanations and implications. **Psychiatric Rehabilitation Journal**, v. 27, n. 3, p. 219-227, 2004.

ROMME, M. A. J.; ESCHER, A. D. M. A. C. Hearing Voices. **Schizophrenia Bulletin**, v. 15, n. 2, p. 209–216, 1989.

SAFRA, G. Espiritualidade e religiosidade na clínica contemporânea. In: AMATUZZI, M. M. (org). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 205-211.

SMITH, D. B. Você pode viver com as vozes em sua cabeça? **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, ano X, n. 2, p. 295-306, (Tradução de Monica Seincman), 2007.

SOUZA, T. T.; COUTO, M. L. O.; KANTORSKI, L. P. Uma nova visão acerca da

experiência de ouvir vozes. **Journal of Nursing and Health**, v. 8, (n.esp.):e188406, 2018.

SZYMANSKI, H (org); Almeida, L. R.; PRANDINI, R.C.A.R. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Série Pesquisa em Educação. Brasília: Plano Editora, 2002. 87p.

TARG, E.; SCHLITZ, M.; IRWIN, H. J. Experiências relacionadas a psi. In: CARDEÑA, E.; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. **Variedades da experiência anômala: análise de evidências científicas**. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 167-191.

TEIXEIRA, F. O potencial libertador da espiritualidade e da experiência religiosa. In: AMATUZZI, M. M. (org). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 13-30.

TORRES, C. M. **Religiosidade e experiências anômalas no protestantismo brasileiro**. 2016. 167 f. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em Psicologia; Instituto de Psicologia: Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2016.

VALLE, J. E. R. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, M. M. (org). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 83-108.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto, **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

ZANGARI, W. **Incorporando papéis: Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de Umbanda**. 2003. 350 p. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em Psicologia Instituto de Psicologia: Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2003.

ZANGARI, W. Experiências anômalas em médiuns de Umbanda: uma avaliação fenomenológica e ontológica. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 27, p. 67-86, 2007.

ZANGARI, W.; MIRALDI, E. O. Psicologia da Mediunidade: do intrapsíquico ao psicossocial. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 77, n. 2, p. 233-252, 2009.

WOODS, A. The voice-hearer. **Journal of Mental Health**, v. 22, n. 3, p. 263-270, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Division of mental health and prevention of substance abuse. WHOQOL and spirituality, religiousness and personal beliefs (SRPB)**. Report on WHO consultation, Geneve, 1998.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional

Você está sendo convidado a participar da pesquisa "A experiência de escutar vozes e sua inserção em um contexto religioso: uma abordagem fenomenológica." O objetivo deste estudo é compreender a experiência de pessoas que escutam vozes estando inseridas em um contexto religioso.

A entrevista será conduzida pela pesquisadora em local e horário a ser agendado de acordo com a sua disponibilidade. Durante a entrevista você poderá falar livremente sobre a sua experiência de ouvir vozes e suas relações com seu contexto religioso. Essa conversa será gravada e transcrita para ser analisada com outras entrevistas e materiais. Ao participar desta pesquisa você contribuirá para a compreensão da experiência de pessoas que escutam vozes inseridas em um contexto religioso. Isso pode se reverter na discussão de práticas dentro da psicologia. E ao mesmo tempo, ao falar sobre sua história, você poderá se beneficiar dos efeitos terapêuticos de relatar e retomar experiências pessoais a partir da escuta psicológica.

Ao assinar este termo, você está autorizando que os conteúdos de sua entrevista sejam utilizados para fins de pesquisa, e para isso garantimos que a sua identidade não será revelada durante todas as etapas do estudo, ou mesmo após o término deste. Sua participação nesta pesquisa é voluntária, deste modo você não terá nenhum custo, nem qualquer vantagem financeira. Você tem total liberdade de não querer participar, de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou de se recusar a responder qualquer pergunta realizada pelo pesquisador. Este estudo apresenta riscos mínimos à sua saúde física ou psíquica, mas pode gerar desconfortos ou mobilizações por realizar perguntas de cunho pessoal. Caso você sinta necessidade de receber atendimento psicológico, será realizado o encaminhamento para a clínica escola de psicologia da UFPel.

Declaro que recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste termo. O investigador respondeu e responderá, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, declaro que compreendi as condições acima e concordo em participar.

Nome do participante: _____

Data ___/___/___

Assinatura do participante: _____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPel, Pelotas/RS; telefone:(53)3284-4960.; email: cep.famed@gmail.com, ou por meio de contato com os pesquisadores: Mariana Souza de Oliveira; telefone: (53) 98432-5841 ou (53) 98143-7580; e-mail: mariana.cordova.oliveira@gmail.com ou Giovana Fagundes Luczinski; telefone: (21) 98886-3185.

Assinatura do pesquisador responsável: _____